

# E.T.A. Hoffmann e a questão óptica

Michael Korfmann

In Hoffmann's tales, visual references and optical devices play an important role as thematic and structural components. This article will analyze this subject in a historical context where the social differentiation and the optical media result in a questioning of observation and perspective. Hoffmann's writing may therefore be conceived, at least partially, through his position towards visibility. This paper will first provide a general look at the interrelations between Hoffmann's texts and certain painting styles and then take a closer look at "The Sandman" as a keyword for romantic perspectivism.

**Keywords:** E. T.A. Hoffmann; visual references; optical devices.

## 1 Introdução

Na modernidade – definida aqui como a diferenciação social em diversos sistemas funcional-comunicativos –, sobretudo no século XVIII, o conjunto social forma-se a partir de observações e comunicações específicas e funcionalmente diferenciadas. Para produzir esta comunicação, a literatura moderna, como sistema autônomo, observa outros sistemas como a Economia, a Política ou o Direito e pode integrar na comunicação literária todos os elementos que lhe convém, ou, ao contrário, se distanciar de seu ambiente em direção a uma linguagem poética "pura", desligada das demais formas sociocomunicativas, concentrando-se em si mesma. A produção literária e as reflexões teóricas do romantismo refletem a ambição de definir e medir esta nova autonomia comunicativa como um sistema diferenciado. Neste processo constitutivo de uma qualidade textual específica, os media ópticos exercem um papel importante. O romantismo, tratado aqui em relação à Alemanha, também se define através da relação com certos aparelhos ópticos como a câmera obscura, a lanterna mágica, ou as encenações fantasmagóricas, bem como na rejeição das imagens "claras" e focalizadas em favor de uma transparência abstrata, como no caso de Novalis. Assim, os *media* ópticos exercem um efeito poetológico sobre a concepção do potencial literário, resultando em transferências e adaptações das qualidades mediais para o campo textual. Estas se manifestam nas convicções referentes à qualidade literária a ser alcançada, sem que isso tenha conseqüências singulares, automáticas, ou limitadas a uma única forma artística. Sendo assim, não se surpreende que encontremos no romantismo posições diversas com relação à visibilidade: a mediação literária equilibrada entre os mundos externo e interno em Goethe; a fantasmagoria textual como produto da fantasia e instrumento transformador da realidade prosaica, bem como o questionamento da perspectiva, em E.T.A. Hoffmann; e a abstração do visível do mundo-objeto em favor de uma esfera mais 'pura', infinita e absoluta em Novalis.

Partindo da visão sistêmica da diferenciação da sociedade em áreas específicas,

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS; Brasil. Fax: 0055 51 3308 7303; Tel: 0055 51 3308 6696; e-mail: michael.korfmann@ufrgs.br

pode-se observar como certos fenômenos da época pré-moderna se desfazem com o surgimento de áreas sociais bem definidas, apesar de ainda deixarem traços ou vestígios restantes nos sistemas em formação. Assim, parte da tradição da magia *artificialis* e óptica de Kircher, Bettini e Schott – e suas encenações do mágico e milagroso, situadas numa área entre pesquisa exata da natureza, arte e entretenimento –, conserva-se na nova e autônoma esfera artística, por exemplo, como elemento enriquecedor e interessante para as encenações literárias de um E.T.A. Hoffmann; outra parte consolida-se como pesquisa científica numa comunicação social que se baseia e obedece a procedimentos, linguagem e lógica padronizados. Da mesma maneira, no decorrer da diferenciação social em áreas específicas, a alquimia se dividiu na química como ciência natural e, paralelamente, deixou vestígios no teatro e na literatura romântica. De um lado a química estabelece-se então como disciplina científica; de outro, o excedente obscuro-poético migra para o romantismo de Schlegel, Novalis, Ritter ou E.T.A. Hoffmann. Como exemplo com relação ao último, podemos apontar para a alquimia e para a representação figurativa dos elementos na pessoa do Archivarius no texto *Vaso de ouro* (1814), de Hoffmann. O Archivarius também representa um mágico disfarçado incorporando a figura do “Fósforo” (da palavra grega phosphóros: “que traz luz”), hoje conhecido como elemento químico de número atômico 15, que foi isolado em 1669 por Henning Brandt e chamado assim em virtude de emitir uma luz. Em *O homem da areia* (1817), de Hoffmann, temos duas personagens realizando experiências alquimistas, e na sua *Aventura na véspera do ano novo* (1815), Hoffmann compara uma experiência duvidosa com as encenações fantasmagóricas, para citar apenas algumas das numerosas referências. Com a ilusão da magia óptica, a poesia romântica possui um instrumentário eficaz para apresentar distorções referentes aos protagonistas de seus textos, bem como aos seus leitores. Essas distorções se encontram também, por exemplo, nas anamorfoses e instalações de espelhos, causando dúvidas e reflexões sobre a contingência do visto e sua essência. Nos contos e romances de E.T.A. Hoffmann, aparelhos ópticos, assim como certa qualidade visual ocupam um lugar estratégico, tanto como elementos-chave da ação, tanto como referências para o modo narrativo.

## 2 Hoffmann e o visual

A função estruturadora dos aparelhos ópticos em Hoffmann torna-se clara em nosso exemplo central, *O homem da areia*. Apontamos primeiramente para as diversas associações no campo estético-visual contribuinte para sua obra: a coletânea de dois volumes de 1815/1816 que inclui *O homem da areia*<sup>1</sup> intitula-se: “Peças Noturnas”, acrescido do comentário: “Editado pelo autor das peças fantásticas na maneira de Callot”. O título insere-se num campo semântico-literário que vai da *gothic novel* da Inglaterra até os poemas *Hinos da Noite*, de Novalis, escritos em 1797 e inspirados pelo poema *The Complaint, or Night-Thoughts on Life, Death and Immortality*, de Edward Young (1683-1765), autor bastante conhecido também na Alemanha, sobretudo por seu *Conjectures on Original Composition* (1759), traduzido um ano mais tarde para o alemão e que inicia a chamada época do gênio. A descrição “peça noturna” aponta também para a área musical (*nocturne*). A referência explícita é evidentemente de nível visual: trata-se de Jacques Callot, o desenhista gravador a buril e água-forte (1592 - 1635), que

mesmo nas cenas tiradas do cotidiano, atribui às suas figuras uma fisionomia própria, cuja qualidade oscila entre o estranho e o (re)conhecido.



Jacques Callot. *The hospital* (1633)



Jacques Callot. *The wheel* (1633)

Além do mais, no campo da pintura, as “peças noturnas” (pittura di notte) designam um gênero que teve seu primeiro florescimento na fase inicial do barroco. Trata-se de um estilo que mostra objetos sob uma iluminação noturna ou artificial sem que a cena completa seja iluminada de maneira regular. Em vez disso, há uma distribuição extrema de áreas claras e escuras em forte contraste uma com a outra. Estes quadros, como, por exemplo, os de Rembrandt, também apresentam, em comparação com cenas à luz do dia, uma redução acentuada da coloração: em vez de mostrarem-se na sua cor própria, os objetos assumem o tom da iluminação.



Rembrandt. *St. Paul in Prison*. 1627



Rembrandt. *St. Joseph's Dream*. 1645

Se a meia-luz de Rembrandt serviu como inspiração para Hoffmann, a mesma linha de influência se estenderá posteriormente a certo tipo de filmes mudos alemães como *O Estudante de Praga* (1913). Como podemos ver na imagem, Rembrandt explorava em seus quadros as diferentes nuances obtidas pelo contraste entre luz e

sombra: há uma única fonte de luz, que ilumina parcialmente o rosto do modelo, enquanto o resto do quadro permanece praticamente na penumbra. *O Estudante de Praga*, considerado o primeiro filme de arte da Alemanha, utilizava uma técnica similar de iluminação: em vez de iluminar-se igualmente a frente e o fundo da imagem, como era de praxe, o fundo permanecia escuro, enquanto que os personagens eram iluminados parcialmente; os cenários ficavam muitas vezes visíveis apenas em contornos, o que conferia às cenas um clima duvidoso, ameaçador ou ambíguo. Criava-se, assim, um mundo de sombras e, dentro da proposta do filme, um ambiente de mistério e horror. Esse tipo de iluminação seria utilizado em muitos filmes posteriores, transformando-se na marca internacional do cinema mudo alemão. Conhecido como “german lighting”, esse estilo de iluminação contribuiu para que muitos filmes da época fossem hoje considerados expressionistas, uma concepção duvidosa.

Além de Rembrandt, o próprio Hoffmann ainda cita, como inspiração, os nomes de Pieter Brueghel o jovem jr. (1564-1683),



*Village Lawyer* 1621

Salvator Rosa (1615-1673)



*Jason Charming the Dragon*., c. 1663.



*Witches at their Incantations. c. 1646*

e Antonio Allegri, chamado Correggio (1494-1534)



*Portrait of a Gentlewoman 1517-19*



*Judith* 1512-1514

Além das referências visuais e elementos do gótico, é preciso mencionar, como influências explícitas, os conhecimentos psiquiátricos de Hoffmann, que o levaram a explorar o campo crepuscular entre luz e escuridão, focalização e distorção, observação e imaginação, como atesta Detlef Kremer: “A separação clara entre sanidade psíquica e loucura, em que se baseava a psicologia esclarecida, é suspensa em Hoffmann. Os limites entre razão e loucura fluem. O olhar romântico consegue obter do sonho e dos estados extáticos diurnos uma verdade mais elevada, e no outro lado, a razão comum lhe aparece como forma menos espirituosa da existência”.<sup>2</sup>

### 3 O homem da areia

Além das mencionadas referências visuais, aparelhos mecânicos exercem um papel constitutivo em *O homem da areia*. Sabe-se que a produção de autômatos, de bonecas de madeira falantes, cantadoras e dançantes, foi um fenômeno bastante comentado na segunda metade do século XVIII. Construtores como Jacques de Vaucanson, Pierre Jaquet-Droz, Joseph Gallmayr, Wolfgang von Kempelen e Johann Karl Enslin eram figuras conhecidas, e comentavam-se diversas tentativas suas de obter resultados quase “naturais”, comparáveis a pessoas reais. Hoffmann se interessou intensamente por esta temática; tinha planos de construir um aparato próprio e visitou as oficinas de Johann Georg e Friedrich Kaufmann, dois inventores destas máquinas.

Num contexto mais amplo, o motivo do autômato, da loucura, a inserção da referência ao aventureiro, espírita e alquimista Cagliostro (1743-1795), o apontar para Lazzaro Spallanzani (1729-1799), um pesquisador conhecido, entre outros, por

seus trabalhos sobre vulcanismo e inseminação artificial, mostram a relação do texto com a história científica, sobretudo a discussão entre a física ‘natural’ ou mecânica e a elétrica ou magnética que, como “ciência romântica”, foi julgada pela ciência iluminista como vestígio superado da época pré-moderna. Mas, além de inserir tais nomes e temáticas como motivo literário, Hoffmann reflete, aqui, também a formação da sociedade moderna com sua multiperspectividade, expressa, sobretudo, pelo fato de que em *O homem da areia* o narrador se retira de uma posição de observador privilegiado, deixando uma incerteza acentuada sobre a “visão” correta dos acontecimentos e sua interpretação.

A perspectividade do conto *O homem da areia* se manifesta desde o início. As três cartas apresentadas pelo narrador fictício contêm os dois olhares centrais sobre os acontecimentos: a visão extática de Nathanael, bem como a perspectiva racional de Clara, oferecendo ao leitor, assim, duas lentes divergentes sobre a ação, mas sem que se possa fixar-se em uma destas como a ‘verdadeira’. Esta ênfase é ainda reforçada e dobrada por dois motivos do conto – os olhos e os autômatos –, aumentando a oscilação do texto e da compreensão do mesmo entre vários olhares e reproduções mecânicas que se oferecem como espelhos de projeções. O olhar torna-se desfocado e os olhos se potencializam para um *medium* de transformação, (des)regulando as relações e o processo narrativo. Eles se tornam o sujeito verdadeiro do conto, dirigindo cada seqüência da ação, enquanto as figuras passam quase para o segundo plano. Sob o faiscar perspectivado do olho, suas identidades se deslocam para o vago. O conto trata de olhares diversos, o do cotidiano e do estranho, de olhares através de binóculos e telescópios, do olhar no espelho e, freqüentemente, do olhar distorcido. A relação entre magia, olhar e instrumentos ópticos se torna evidente, sobretudo, em Nathanael e Olímpia, a mulher-autômato. Já no início, em seu primeiro contato, encontra-se um olhar secreto-aberto através de um vidro, desta vez ainda uma janela que, posteriormente, será trocada por óculos e telescópios. Com estes aparelhos, seu olhar se transforma ambigüamente: os objetos se tornam claros e focalizados, mas paralelamente sua visão é “acendida” por sua imaginação, tornando Olímpia viva e anímica e, assim, um espelho e eco para sua mente poético-narcisista, o objeto-desejo diferente das “frias pessoas prosaicas” do seu ambiente social. Como a vivificação de Olímpia se realiza através do olhar, sua destruição passa conseqüentemente pela perda dos olhos: Nathanael vê sua face de cera sem olhos: no seu lugar ela tinha “cavernas pretas, ela era uma boneca sem vida”.

Ambos, a fantasmagoria de Nathanael – a projeção de imagens para o ambiente sem considerar sua contingência –, assim como o mero olhar receptivo de Clara, são ridiculizados por Hoffmann, sem que fique claro se as visões de Nathanael são, enfim, resultados de uma experiência traumática na infância, produtos de uma perturbação mental ou talvez até, pelo menos parcialmente, verdadeiras. *O homem da areia* e outros textos de Hoffmann caracterizam-se pelo questionamento da observação absoluta e deslizam permanentemente entre perspectivas variadas, entre o olhar como recepção e produção, advertindo contra uma totalização perigosa que reduz as múltiplas faces a um suposto “todo” ou “essencial” da vida social. O poeta Nathanael fracassa porque não consegue livrar-se da perspectiva poética, os binóculos mágicos de Coppola, que tornam quase viva o autômato Olímpia. Ele percebe o mundo exclusivamente de maneira poética e a desconhece, na sua forma, de maneira grotesca. Na percepção fascinada pela visão poética, a mecânica Olímpia aparenta o



belo anímico, enquanto, na mesma perspectiva, Clara, a noiva gentil e pragmática, se torna aquilo que é Olímpia: uma obra mecânica, da qual Natanael se afasta.

Ele continuou o seu poema sem interrupções, seu rosto avermelhara-se com o fogo interior, lágrimas rolaram de seus olhos. Finalmente, ao terminar, gemeu de profundo cansaço, pegou a mão de Clara e suspirou, como se sucumbido a uma dor inconsolável: “Ah, Clara! Clara!” Clara apertou o documento contra o seio e lhe disse em voz baixa, mas lenta e seriamente: “Natanael, meu amado Natanael! Jogue ao fogo essa história louca, absurda, delirante”. Indignado, Natanael levantou-se abruptamente e gritou, repelindo Clara: “Maldito autômato sem vida!”<sup>3</sup>

A poetização total do mundo é apresentada como perigo: as pessoas são ameaçadas de tornarem-se loucas quando perderem a diferença das perspectivas e, com isso, todo auto-distanciamento, julgando o poético mais relevante do que a vida restante; ou de se tornarem ridículas quando apenas exercerem seu papel social como um autômato. Para Natanael, enfeitado pelos óculos mágicos, Olímpia, a figura da imaginação poética, é mais real do que a sua Clara. Ele espera da arte mais do que ela pode oferecer e paga o colapso das perspectivas com sua morte.

Também a relação entre narrador e leitor é guiada pelo olhar. O narrador fictício se dirige ao público leitor com a esperança de ter conseguido desenhar as personagens como um bom pintor de retratos, de modo a capacitar o leitor a achar quadro e pessoa parecidos sem ter conhecido o original, e como se tivesse visto a pessoa com os “próprios olhos” – uma constelação enigmática que Kittler entende como referência ao espelho: “O único retrato que aponta sempre para um original nunca visível para o olho é a imagem de cada um no espelho”.<sup>4</sup> Desse modo o narrador se torna mágico, e o leitor é a mente poética, cujo olhar desperta o texto para a vida. A ilusão da magia óptica se inscreve na literatura romântica como imagens alucinantes produzidas pela magia da imaginação e o questionamento das imagens, como campo incerto entre a observação e a visão.

Conseqüentemente o elemento central do conto é o olho como mediador entre o externo e o interno, sujeito e objeto. Seu campo semântico está presente, sob formas variadas, em quase todas as páginas do conto. Já o título aponta para esta direção: o “homem da areia” supostamente coloca areia nos olhos das crianças. Os olhos que registram os fenômenos do ambiente também são registros do estado interior da pessoa. Esta função dupla como órgão perceptivo e expressivo é colocada em questão no conto, resultando numa leitura perturbadora sem perspectiva central para uma compreensão inequívoca. As duas posições básicas são que Nathanael entende os olhos, antes de tudo, como área de projeção de estados anímicos, interiores, enquanto Clara os vê como órgão do reconhecimento da realidade externa. Esta concentração de cada um a apenas uma das funções parciais faz com que os dois se desencontrem permanentemente. Claro está que este conto significa também uma crítica à convicção exagerada do poder criativo e dominante da imaginação exagerada, do olhar absoluto como “ferramenta criativa”<sup>5</sup> de um Novalis e seu desejo de que “o mundo seja como eu o quero”.<sup>6</sup> A fantasmagoria de Nathanael, projetando, “animando” e distorcendo o ambiente com seus desejos poetizados e o olhar “burguês” de Clara são alvos da ironia e crítica de Hoffmann, sem que se possa resumir o texto a uma única visão referencial. Enquanto Clara se insere no final do conto numa vida regular mas apresentada sem maiores inspirações, a

poetização total do mundo é apresentada como perigo: Para Natanael, enfeitiçado pelos óculos mágicos, Olímpia, a figura da imaginação poética, é mais real do que a sua Clara. Ele espera desta visão artístico-artificial mais do que ela pode oferecer e paga a redução das perspectivas múltiplas para um olhar absoluto com sua morte. Com isso, Hoffmann pleiteia uma percepção diferenciada que torna rotineira a coexistência das perspectivas variadas e na qual o mundo é paralelamente maravilhoso e profano, irritante e esperável, milagroso e banal.

## Notas

<sup>1</sup> HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. O homem da areia. In: HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. *Contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

<sup>2</sup> KREMER, Detlef. *E.T.A. Hoffmann zur Einführung*. Hamburg: Junius, 1998, p. 70.

<sup>3</sup> HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. O homem da areia. In: HOFFMANN, Ernst Theodor Amadeus. *Contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 132.

<sup>4</sup> KITTLER, Friedrich (Hg.). *Urszenen. Literaturwissenschaft als Diskursanalyse*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1977, p. 163

<sup>5</sup> NOVALIS. *Schriften*. v. 1. Hrg. von Paul Kluckhohn und Richard Samuel unter Mitarbeit von Heinz Ritter und Gerhard Schulz. Stuttgart: Cotta, 1960, p. 326

<sup>6</sup> NOVALIS. *Werke, Tagebücher und Briefe Friedrich von Hardenbergs*. v. 3. Hrg. von Hans-Joachim Mähl und Richard Samuel. München: Hanser, 1987, p. 554.

## E. T. A. Hoffmann e a cegueira esclarecida

**Leonardo Munk**

Considering the European mentality of the first half of the 19<sup>th</sup> century, this article discusses the important role of E. T. A. Hoffmann in the literature of that period. The text deals specially with Hoffmann's critique of the superiority of reason over imagination. Cultivating the grotesque and the supernatural, Hoffmann criticizes the bourgeois attitudes towards an unquestioned belief in the reason as the unique savior of mankind.

**Keywords: E.T.A. Hoffmann; literature; 19<sup>th</sup> century.**

Recentemente, a ciência vem-se esforçando por tornar "artificial" a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. O mesmo desejo de fugir da prisão terrena manifesta-se na tentativa de criar a vida numa proveta, no desejo de misturar, "sob o microscópio, o plasma seminal congelado de pessoas comprovadamente capazes a fim de produzir seres humanos superiores" e "alterar(-lhes) o tamanho, a forma e a função"; e talvez o desejo de fugir à condição humana esteja presente na esperança de prolongar a duração da vida humana para além do limite dos cem anos.

Hannah Arendt, a condição humana

No cotidiano do homem medievo mesclava-se o natural ao sobrenatural. Bruxas, vampiros e sortilégios impregnavam um universo fortemente marcado pelo fervoroso culto ao fantástico. De tal universo dominado pela superstição e pela crença em pactos diabólicos originar-se-ia toda a matéria-prima da moderna literatura fantástica. Esta, do ponto de vista histórico, surgiu na segunda metade do século XVIII, na França, com *O diabo enamorado*, romance de Jacques Cazotte que inaugurou essa vertente literária.

O século XVIII francês, o chamado século das luzes, caracterizou-se, sobretudo, pela crença inabalável na razão e na ciência. Caberia a estas, assim, o esclarecimento de todos os grandes enigmas que intrigavam a humanidade. Obviamente, tudo o que escapasse ao escopo da ciência deveria ser simplesmente visto como *rêverie*, fruto de superstição ou ignorância. Para os pensadores setecentistas, o sobrenatural ligava-se de maneira indelével ao dogmatismo da Igreja ou às crenças do fabulário popular. Tendo em vista a crença no progresso da humanidade, o pensamento

---

*Mestre em Teoria Literária pela UFRJ. Atualmente redige sua tese de doutoramento sobre o teatro de Heiner Müller pela mesma instituição; e-mail: leonardomunk@gmail.com*

iluminista procurou através da razão esclarecer todos os domínios do saber.

Enquanto no plano do conhecimento, o Iluminismo significou o adeus à superstição e à ignorância, no plano social e político representou a base para a defesa da liberdade e da igualdade entre os homens. Cabia ao pensador da época, assim, expor os limites entre o natural e o sobrenatural, ou melhor dizendo, entre o verdadeiro e o falso, o racional e o irracional. Seguindo este raciocínio, foi o imaginário, por estar associado ao fervor religioso, igualado ao irracional e, conseqüentemente, banido pela razão científica. Um bom exemplo da posição iluminista é o célebre tratado *Do espírito das leis*, através do qual o Barão de Montesquieu, abandonando conceitos religiosos ou teorias abstratas, procurou aplicar às humanidades o mesmo procedimento utilizado na investigação das ciências físicas.

Contudo, cabe aqui ressaltar que a França setecentista da Revolução francesa foi palco não apenas do nascimento da razão iluminista como também viu surgir em seu bojo um olhar contrário ao racionalismo esclarecido: uma literatura que punha em xeque a excessiva confiança na razão e na ciência iluministas; contrariando a claridade vigente, aquela compactuava com o sombrio e as profundezas do irracional. *O diabo enamorado* foi, pois, seu primeiro representante digno de nota. Sobre o romance de Cazotte, José Paulo Paes faz o seguinte comentário:

Não é por acaso que tal romance aparece no final de um século conhecido por século das Luzes ou século filosófico. Nele, a Razão assume o mesmo poder absoluto dos monarcas do direito divino a fim de exconjurá-lo como fruto da superstição, da ignorância ou da sandice tudo quanto não fosse passível de imediata explicação racional ou natural, já que, àquela altura, Razão e Natureza concidiam simetricamente.<sup>1</sup>

A paixão do fidalgo espanhol Alvare pela misteriosa Biondetta, na realidade um demônio metamorfoseado em uma bela mulher, influenciou largamente inúmeros escritores, entre eles os autores alemães Friedrich Schiller e E. T. A. Hoffmann. Este último, aliás, consagrar-se-ia como o maior nome da literatura fantástica em língua alemã. Tendo produzido toda sua obra praticamente nas duas primeiras décadas do século XIX, Hoffmann foi um dos primeiros contemporâneos das Luzes, apesar de tardio, pois nasceu em 1776, a observar criticamente o ímpeto racionalista burguês propagado pela intelectualidade francesa.

É preciso enfatizar, no entanto, que praticamente toda a obra hoffmanniana veio à luz quase vinte e cinco anos após os acontecimentos que produziram a revolução de 1789. Nesse contexto, é certo que as notícias do mar de sangue que se seguiram a queda do Antigo Regime e do subsequente período do Terror, durante o qual rolaram as cabeças dos principais representantes do movimento, não foram suficientemente edificantes para aqueles que, em outras condições, até mesmo aprovariam com boa vontade a luta pela declaração dos direitos do homem. Como se sabe, em nome dos princípios de liberdade e igualdade entre os homens e, sobretudo, da razão, bem maior do homem moderno, a Revolução produziu a barbárie e a ditadura, conduzindo, assim, a curta república francesa ao cesarismo de Napoleão Bonaparte.

Assim, tendo os princípios de igualdade, liberdade e fraternidade como sua principal força motriz, coube à Revolução francesa desestabilizar a monarquia e libertar o vulgo da escravidão social a que era sujeitado. É preciso que se diga, no entanto, que dentro do amplo processo revolucionário desencadeado na França

setecentista já estavam presentes os primeiros sintomas da crise do pensamento iluminista. Os próprios princípios humanitários propagados pelo espírito revolucionário jamais chegaram a ocupar uma posição fundamental no conturbado cenário da política francesa. Um exemplo disso foi o desconforto que o vocábulo *iguladade*, principalmente do ponto de vista econômico, causou à burguesia francesa. Em *Sobre a humanidade em tempos sombrios, reflexões sobre Lessing*, belo ensaio extraído do volume *Homens em tempos sombrios*, Hannah Arendt aponta algumas hipóteses para o fenômeno. Cito-a:

A fraternidade, que a Revolução francesa acrescentou à liberdade e à igualdade que sempre foram categorias da esfera política do homem - essa fraternidade tem seu lugar natural entre os reprimidos e perseguidos, os explorados e humilhados, que o século XVIII chamava de infelizes, les malheureux, e o século XIX de miseráveis, les misérables. A compaixão, pela qual tanto Lessing como Rousseau (embora em contextos muito diferentes) desempenharam um papel tão extraordinário com a descoberta e demonstração de uma natureza comum a todos os homens, tornou-se pela primeira vez o motivo central dos revolucionários com Robespierre (...) Através da compaixão, o humanitário com idéias revolucionárias do século XVIII almejava a solidariedade com os infelizes e miseráveis (...) Mas logo se tornou evidente que esse tipo de humanitarismo, cuja forma mais pura é privilégio dos párias, não é transmissível e não pode ser facilmente adquirido por aqueles que não pertencem aos grupos párias.<sup>2</sup>

Pautado pelos ideais de emancipação e solidariedade, o Iluminismo aos poucos foi deixando de corresponder às aspirações socio-econômicas da burguesia francesa. Antes iluminada, a razão libertária e revolucionária cedeu lugar à razão pragmática e opaca de outra revolução, a industrial. Esta, ao contrário da Revolução francesa, não estava imbuída de princípios libertários e democratizantes, mas sim dos princípios homogeneizantes das linhas de produção.

Em *Rumo à estação Finlândia*, o crítico norte-americano Edmund Wilson traçou um esclarecedor cronograma do declínio da tradição revolucionária. Segundo o autor, Hippolyte Taine, filósofo, historiador e crítico literário, seria um representante clássico do pensamento que vigorava na França por volta de 1850. Cito-o:

Homens como Taine estavam se afastando do romantismo, do entusiasmo revolucionário e da exuberância emocional do início do século, e assumindo um ideal de objetividade, de observação científica exata, que veio a ser denominado naturalismo (...) Para Taine, a ciência da história é um empreendimento bem menos humano do que o fora para Michelet. Em 1852 escreve que sua ambição é “fazer da história uma ciência, fornecendo-lhe, tal como ocorre como o mundo orgânico, uma anatomia e uma fisiologia”.<sup>3</sup>

Como se vê, os mesmos princípios que motivaram Montesquieu a principiar a feitura de seu *Do espírito das leis* um século antes, em 1748, produziram a matéria-prima do pensamento determinista de um Hippolyte Taine. Sobre Taine, Amiel, um contemporâneo, deu o seguinte depoimento: “Este autor me causa uma sensação de

cansaço, como polias que rangem, máquinas que estalam, um cheiro de laboratório”.<sup>4</sup> Contudo, ao contrário de Taine, não podemos subtrair a Montesquieu o talento de escritor, a lucidez crítica e a arguta compreensão dos limites da investigação científica.

Em outra obra célebre, *As cartas persas*, o Barão de Montesquieu nos apresenta as aventuras parisienses de um nobre da Pérsia. Naquela, o personagem em questão trava contato com um geômetra, figura misteriosa que se compraz em utilizar leis científicas para explicitar todas as ações humanas. Espantado com tal comportamento, o persa, cada vez mais surpreso com os modos franceses, vem a testemunhar o encontro do geômetra com um velho amigo:

O outro homem era, por coincidência, um velho amigo do geômetra, e tinha acabado de publicar uma tradução das Odes de Horácio. Aproveitou o encontro para contar a novidade, mas obteve como resposta a censura severa do geômetra, que considerava inútil tentar fazer renascer os ilustres homens do passado (...) O arremate da censura, feita pelo geômetra, assumiu forma de interrogação: por que o amigo não se dedicava à tarefa mais útil de pesquisar verdades novas, que um simples cálculo permitiria descobrir todos os dias?<sup>5</sup>

O irônico olhar de Montesquieu apontou com clareza a crescente valorização da ciência em detrimento das humanidades. Cem anos depois, contudo, não há nenhum resquício de ironia em Taine. Tendo vivido antes deste, E. T. A. Hoffmann personificou o oposto do burguês racional. Talvez o mais célebre romântico alemão de todos os tempos, Ernst Theodor Amadeus Hoffmann foi um homem de muitos talentos: além de grande prosador, foi desenhista, musicólogo e compositor. Todas as atividades citadas as exercitava em seu tempo vago, pois era, durante o dia, um respeitabilíssimo juiz de direito. Em sua obra literária, contudo, exercitou uma crítica implacável a seus contemporâneos e, sobretudo, à mentalidade burguesa, presa que era de uma razão pragmática chã e avara.

Hoffmann não apenas testemunhou a decadência das idéias iluministas na Alemanha como também sentiu o terremoto produzido na Europa pela Revolução francesa, chegando, inclusive, a perder seu cargo público no ano de 1806, em decorrência da invasão das tropas de Bonaparte. Período, aliás, muito rico para o seu desenvolvimento artístico, apesar, é claro, das sérias dificuldades financeiras. Durante esse período, Hoffmann exercitou-se em várias atividades, trabalhando até mesmo como diretor teatral e cartunista.

Em sua obra, Hoffmann cultivou o gosto pela anormalidade e pelo irracional, não prescindindo, contudo, de uma fina crítica social, enriquecida por elementos irônicos e, sobretudo, grotescos. Atingindo zonas que escapavam ao controle da razão, como o inconsciente ainda não diagnosticado, Hoffmann questionou a racionalidade burguesa, cristalização imediata do pensamento iluminista, através da associação entre o imaginário e o entendimento, pois via naquela o peso de um pensamento totalitário e desencantado.

Antes imbuída de grandes valores pedagógicos, a razão iluminista foi cedendo lugar a um racionalismo totalitário que, conduzido pelas mãos de Mefistófeles, como já previra Johann Wolfgang von Goethe no seu *Fausto*, culminaria com a acumulação do capital e a automatização do trabalho humano. De início libertária e transgressora, a razão esclarecida foi, aos poucos, obnubilada pelo desejo de ordem

social, de limpeza da sujeira revolucionária. Trata-se aqui da inevitável dialética presente em todo processo revolucionário, sobre a qual o crítico Octavio Paz, certa feita, comentou em um belo ensaio, *Ambigüidade do Romance*, presente no volume *Signos em rotação*. Cito-o:

A revolução burguesa proclamou os direitos do homem, mas ao mesmo tempo pisoteou-os em nome da propriedade privada e do livre comércio; declarou sacrossanta a liberdade, mas submeteu-a às combinações do dinheiro; e afirmou a soberania dos povos e a igualdade dos homens, enquanto conquistava o planeta, reduzia à escravidão velhos impérios e estabelecia na Ásia, África e América os horrores do regime colonial. A sorte final dos ideais burgueses não é excepcional. Impérios e Igrejas recrutam seus funcionários e oficiais entre os velhos revolucionários e seus filhos. Assim, o verdadeiro problema não reside na fatal degradação dos princípios, nem em seu confisco, para uso próprio, por uma classe ou um grupo, mas na própria natureza desses princípios. Como pode ser o homem fundamento do mundo se é o ser que é por essência mudança, perpétuo chegar a ser que jamais alcança a si mesmo e que cessa de transformar-se apenas para morrer? Como escapar ou transcender a contradição que leva em seu seio o espírito crítico e, portanto, todos os movimentos revolucionários modernos? Só, talvez, uma revolução que se fundasse no princípio original de toda revolução: a mudança. Só um movimento que se voltasse sobre si mesmo, para fazer a "revolução da revolução", poderia impedir a queda fatal no terror cesáreo ou na mistificação burguesa. Uma revolução assim tornaria impossível a transformação do espírito crítico em ortodoxia eclesiástica, do instante revolucionário em data santificada, do dirigente em César e do herói morto em múmia divinizada. Mas esta revolução se destruiria sem cessar a si mesma e, levada ao seu extremo, seria a negação do próprio princípio que a move. O nihilismo seria seu resultado final.<sup>6</sup>

Cabe lembrar que inúmeros personagens ao longo da história da humanidade foram movidos pelos ideais de ordem e limpeza: de Robespierre a Josef Stálin, passando por Adolf Hitler, entre muitos outros. Desse modo, a razão que libertou o homem do medo das sombras foi, ironicamente, a mesma que o levou a exterminar milhões de pessoas no decorrer dos últimos duzentos anos. O que não foi o nazi-fascismo, por exemplo, senão a recusa do não idêntico, ou pior, a eliminação do diferente, num infame processo de homogeneização do indivíduo. Do horror da guerra ao extermínio de milhares de pessoas nos campos de concentração, foi a razão, bem maior do homem civilizado, vilmente posta a serviço das indústrias de morte.

Para a humanidade infante, a dominação da natureza foi uma questão de sobrevivência. Na modernidade, contudo, a questão da dominação não só passou a ameaçar a natureza como também a própria sobrevivência da espécie humana. A razão iluminista, grande diferenciadora da espécie humana e antes imbuída de grandes valores pedagógicos, tornou-se uma ameaça a própria humanidade ao se instrumentalizar, servindo, assim, ao controle social e ao extermínio. Sobre o tema, exemplar é a reflexão conduzida por Theodor Adorno e Max Horkheimer em um livro ainda hoje relevante, *A dialética do Esclarecimento*. Cito-os:

Para a civilização, a vida no estado natural puro, a vida animal e vegetativa, constituía o perigo absoluto. Um após o outro, os comportamentos mimético, mítico e metafísico foram considerados como eras superadas, de tal sorte que a idéia de recair neles estava associada ao pavor de que o eu revertesse à mera natureza, da qual havia se alienado com esforço indizível e que por isso mesmo infundia nele indizível terror. A lembrança viva dos tempos pretéritos - do nomadismo e, com muito mais razão, dos estágios propriamente pré-patriarcais - fora extirpada da consciência dos homens ao longo dos milênios com as penas mais terríveis. O espírito esclarecido substituiu a roda e o fogo pelo estigma que imprimiu em toda irracionalidade, já que esta leva à ruína.<sup>7</sup>

Necessário é frisar, no entanto, que a civilização não pode prescindir de uma certa ordem, pois dessa depende a própria existência humana, como aliás bem acentuou Sigmund Freud em seu ensaio *O mal-estar na civilização*. O esquecimento da razão em nome de instintos irracionais não se mostra como uma solução. Contudo, a aceitação incondicional da Lei e das limitações por esta impostas, podem ser incomparavelmente danosas à própria vida humana. Parece, assim, que a modernidade pagou um preço muito alto ao trocar o sonho pelo pragmatismo.

A saída para tal impasse - ordem versus liberdade -, se é que há alguma, delinear-se-ia no que se poderia chamar de construção de uma poética da incerteza; a qual, aliás, encontra-se bem materializada na obra de E. T. A. Hoffmann. Ao pôr lado a lado o real e o sobrenatural, o científico e o fantástico, Hoffmann cria uma envolvente atmosfera de mistério, através da qual o leitor não pode fazer outra coisa a não ser duvidar. A dúvida é, pois, um *leitmotiv* presente em grande parte das obras hoffmannianas. Nestas, repletas de motivos grotescos, as promessas de claridade não se concretizam, pois as explicações razoáveis ou científicas não são persuasivas o bastante para “esclarecer” os mistérios da narrativa.

Em Hoffmann, o fantástico desautomatiza a percepção humana e, sobretudo, subverte os princípios da ordem vigente. Tal estratégia está presente, por exemplo, em um de seus textos mais célebres, *O homem da areia*. Neste, em síntese, encontram-se todos os grandes motivos desenvolvidos por Hoffmann ao longo de sua trajetória artística, incluindo aí o uso magistral do grotesco, através do qual o autor pôde expressar todo o seu descontentamento com a lei e a ordem estabelecidas. Enquanto manifestação estética ancestral, o grotesco representa por si só um contraponto ao princípio de ordem e pureza almejado pela burguesia do período. Assim, não é de se estranhar o uso constante que faz Hoffmann de tal motivo.

Não se trata aqui de definir o grotesco, pois para tal seria necessário um artigo à parte, mas sim de entendê-lo como uma expressão artística que subverte as certezas de um pensamento já estabelecido, criticando, assim, os primeiros movimentos de uma perturbadora e acelerada Revolução industrial que se espriava pela Europa oitocentista. Neste contexto de ordem e progresso, as crenças na máquina e no progresso tecnológico equivaliam à verdades irrefutáveis. Cito Wolfgang Kayser, autor de um estudo clássico sobre o grotesco:

“Nenhum elemento sublime em si, ou grotesco em si, é unido num todo “belo” ou “dramático”, pois grotesco é justamente contraste indissolúvel, sinistro, o que-não-devia-existir. Perceber e revelar tal simultaneidade



incompatível tem algo de diabólico, pois destrói as ordenações e abre um abismo lá onde julgávamos caminhar com segurança. (...) O grotesco, por seu turno, destrói fundamentalmente as ordenações e tira o chão de sob os pés.<sup>8</sup>

Em um documentário recente, *Homo Sapiens*, realizado pelo suíço Peter Cohen, podemos ver como o homem empreendeu inúmeros métodos que visavam a melhorar o patrimônio genético da humanidade. A chamada eugenia, que, aliás, nunca foi comprovada cientificamente, foi divulgada pelo sábio britânico Francis Galton por ocasião da publicação do livro *Hereditary Genius*, em 1869. Tal perspectiva, evolucionista e progressista, ecoava com perfeição o olhar desumanizador de Hippolyte Taine. Cito Edmund Wilson:

E no prefácio a seu Ensaio sobre Tito Lívio, de 1856, escreveu o seguinte: “o homem, segundo Espinosa, é na natureza não um império dentro de um império, porém uma parte de um todo, e os movimentos do autômato espiritual que é nosso ser são governados por leis tanto quanto o são os do mundo material no qual ele está contido”. Observe-se que agora não temos mais a humanidade criando a si própria, a liberdade lutando contra a fatalidade, e sim um autômato funcionando dentro de um autômato.<sup>9</sup>

Paralela à evolução tecnológica das indústrias, ocorre a automatização dos trabalhadores que são obrigados a adaptarem-se às novas engrenagens, transformando-se em verdadeiros autômatos. Analisando a obra de Walter Benjamin, autor profundamente preocupado com o desumanizador avanço da técnica e as possíveis consequências disso na experiência humana, Michael Löwy faz o seguinte comentário:

Devido ao adestramento operado pela máquina, os trabalhadores são obrigados a “adaptar seu movimento ao movimento contínuo e uniforme do autômato”. O operário sofre uma profunda perda de dignidade, e “seu trabalho torna-se impermeável à experiência”. A perda da experiência está, assim, estreitamente ligada em Benjamin à transformação em autômato: os gestos repetitivos, mecânicos e carentes de sentido dos trabalhadores às voltas com a máquina reaparecem nos gestos de autômatos dos transeuntes na multidão descritos por Poe e E. T. A. Hoffmann.<sup>10</sup>

Em grande parte de sua obra, Benjamin refletiu sobre as consequências do progresso e da industrialização em relação à experiência humana. Como fruto do rápido processo de mecanização iniciado com a Revolução Industrial, a troca de experiências - para Benjamin, o bem mais precioso da espécie humana - estaria entrando em acelerado declínio. Em outras palavras, os traços culturais presentes na Experiência (*Erfahrung*) das comunidades pré-capitalistas estariam sendo suplantados pelo nível psicológico imediato da vivência pragmática (*Erlebnis*), desfazendo-se, assim, a ideal harmonia entre natureza e comunidade.

Neste contexto, tanto *O homem da areia*, pertencente aos *Quadros Noturnos* (*Nachtstücke*), conjunto de oito narrativas publicadas em 1817, quanto *Os autômatos*, da coletânea *Os irmãos de Serapio*, surgida entre 1819 e 1821, podem ser lidos como uma crítica ao fracasso da razão iluminista e ao desprestígio da

experiência humana em uma sociedade desencantada, na qual verifica-se cada vez mais o avanço de uma crescente febre mecanicista. Cito Hoffmann:

O empenho dos mecânicos em construir imitações dos órgãos humanos, ou substituí-los por dispositivos mecânicos com o intuito de produzir sons musicais, significa, para mim, guerra declarada contra aquele princípio espiritual cuja força alcança vitórias tanto mais admiráveis quanto mais forças existem que aparentemente lhe sejam opostas. Por esta razão, creio que essas máquinas, que sob o ponto de vista da mecânica são as mais perfeitas, sejam justamente as mais desprezíveis, e, por isso, um simples realejo que, sendo mecânico, visa apenas ao mecânico, é mil vezes preferível a um flautista de Vaucanson e à tocadora de harmônica.<sup>11</sup>

A figura do autômato, elemento recorrente na obra hoffmanniana, representaria, assim, a negação da própria condição humana. O autômato sintetiza não apenas o indivíduo que, como um Fausto às avessas, vende a alma em troca de um trabalho mecânico nas indústrias em rápido crescimento, como também corporifica o desejo eugênico de perfeição e pureza almejado pelo homem moderno. Desejo esse que obceca as duas figuras diabólicas presentes nos dois contos em questão. Tanto o professor Spalanzani de *O Homem da areia*, como o Professor X. de *Os autômatos* encarnam a figura do cientista que, ao servir-se dos mais sofisticados recursos técnicos, procura atingir o máximo de perfeição na criação de autômatos capazes de serem confundidos com o próprio ser humano.

Assim, dentro da rica obra hoffmanniana, *O Homem da areia* e *Os Autômatos* abordam com extraordinária agudeza não só a crescente automatização do indivíduo, fruto de uma sociedade desencantada legislada por um pensamento cada vez mais comprometido com uma agressiva cientificização e mecanização do mundo, como também o perigoso desejo de alcançar, através de recursos tecnicistas, uma espécie de purificação/perfeição da espécie humana, da qual o autômato é a mais célebre metáfora.

## Notas

<sup>1</sup> PAES, José Paulo (Org.). *Os buracos da máscara, antologia de contos fantásticos*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 8.

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 22.

<sup>3</sup> WILSON, Edmund. *Rumo à estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 52-3.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 49.

<sup>5</sup> MONTESQUIEU, baron de la Brède et de. *Do espírito das leis*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

<sup>6</sup> PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

<sup>7</sup> ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 42.

<sup>8</sup> KAYSER, Wolfgang. *O grotesco*. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 61.

<sup>9</sup> WILSON, Edmund. *Rumo à estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 53.

<sup>10</sup> LÖWY, Michael. *Redenção e utopia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 100.

<sup>11</sup> HOFFMANN, E. T. A. *Contos sinistros*. São Paulo: Editora Max Limonad LTDA, 1987, P. 75.

# A busca da “palavra perdida” no Brasil: Uma leitura de *Das Jahr Lazertis* de Günter Eich<sup>1</sup>

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa

In *Das Jahr Lazertis* Günter Eich works with the concept of “lost word” on multiple levels with mythological, historical, geographical, psychological, sociologic and poetical implications. This article pretends to investigate the textual constructions of these semantic configurations.

**Keywords:** Günter Eich; *Das Jahr Lazertis*; semantic configurations.

O conceito de “palavra perdida” surge-nos, de quando em vez, em certas conversas ou em determinadas leituras, suscitando sempre um mistério que aguça a nossa curiosidade. Perguntamo-nos: que palavra é essa que se perdeu? Não sabemos. Uma coisa é certa: falar da “palavra perdida”, é admitir que não temos palavras suficientes para expressar tudo o que temos a exprimir. Isto significa que há algo no mundo exterior e/ou interior que não pode ser traduzido, por falta de palavras. O que será? Perguntamos. Vários estudiosos têm feito tentativas de desvendar esse grande mistério que não dispõe de palavras à altura para se expressar. Também vamos tentar fazer isso, mas apenas da perspectiva da literatura stricto sensu que, afinal, é a arte da palavra.

O conceito de “palavra perdida”, na literatura ocidental, deita raízes na Grécia antiga, especificamente, na *Teogonia* de Hesíodo, livro em que o poeta explica como o nosso mundo foi criado. Diz o autor que, no começo, só existiam os deuses. O homem não havia sido criado. Depois os deuses criaram os homens, mas estes não tinham entendimento. Então, os deuses deram-lhes um presente. Este presente foi o *mythós*, termo grego que significa palavra, ou seja, os deuses presentearam os homens com a capacidade da fala que, até então, era apenas prerrogativa divina, para que passassem a entender o mundo à sua volta, que era o mundo dos deuses. Diz Jaa Torrano em sua tradução da *Teogonia* o seguinte: "Durante milênios, anteriores à adoção e difusão da escrita, a poesia foi oral e foi o centro e o eixo da vida espiritual dos povos, da gente que, - reunida em torno do poeta numa cerimônia ao mesmo tempo religiosa, festiva e mágica, - o ouviam. Então, a palavra tinha o poder de tornar presentes os fatos passados e os fatos futuros (*Teogonia*, vv. 32 e 38), de restaurar e renovar a vida (*idem*, vv: 98-103)."<sup>2</sup> Isto significa que nós, seres humanos (cabendo um lugar de destaque aos poetas), só entendemos o mundo, na medida em que o conseguimos dizer, ou seja, na medida em que somos capazes de traduzi-lo em palavras. Tudo o que não conseguimos falar passa-nos um tanto despercebido. (Consideramos as outras artes também como forma de expressão, no entanto, a arte verbal/oral/escrita tem-se mostrado a mais eficaz no fenômeno da

---

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas. Av. Professor Luciano Gualberto, 403 Butantã 01060-970 - São Paulo, SP – Brasil Telephone: (11) 30914296 E-mail: celeste@usp.br

comunicação). Neste passo, gostaríamos de fazer duas reflexões: Pelo que lemos, palavra e entendimento são dois fenômenos quase que/ ou simultâneos. A palavra, junto com o entendimento que ela estimula, enforma e revela algo do mundo pertencente ao senso comum e do nosso próprio mundo íntimo. A palavra/entendimento, portanto, cria algo que, para nós, não existia antes dela. Se a palavra/entendimento cria algo, tudo o que dizemos é algum tipo de criação. Por exemplo, se dizemos “cadeira”, o objeto “cadeira” adquire de imediato, no mínimo, uma imagem composta de quatro tocos de madeira, chamados pernas, um encosto e um assento. Se usamos a palavra amor, criamos, portanto, um determinado sentimento, denominado amor. Se empregamos a palavra ódio, criamos, portanto o sentimento do ódio, e assim por diante. Deste modo, verificamos que o falar, ou seja, que o uso da palavra implica em grande responsabilidade, e podemos até entender, por que se diz que criamos as dificuldades e os momentos felizes ou infelizes que temos. Além disso, é importante dominar, pelo menos, a língua materna, porque isso significa que estamos dominando o mundo que nos circunda, de modo adequado. Quando não se fala corretamente, isto é, quando não se tem o domínio da língua vernácula, certamente o entendimento que se tem do entorno também é insatisfatório.

Voltemos, porém, à história da “palavra perdida”. Através dos gregos, quando estes estabeleceram colônias na Ásia Menor, tivemos acesso à cultura judaica. No livro central da literatura desta cultura - a Bíblia -, mais precisamente, no Pentateuco está escrito que, no princípio, era o Verbo, que no começo, criou Deus o céu e a terra, dizendo “Haja luz”. E houve luz. Depois, Deus disse: "Haja um firmamento no meio das águas, para separar umas das outras." E assim se fez, etc. Desta maneira, Deus foi dando nome a todas as coisas que criava, e criava porque dava nome aos fenômenos e às coisas.

Em uma passagem do Evangelho de São Marcos, há também uma alusão a palavras poderosas que criam. Depois de ter pregado ao povo através de parábolas, nas margens do Mar da Galiléia, Jesus atravessa este mar rumo à margem oposta com seus discípulos. No meio da travessia, levanta-se uma tempestade que coloca todos em perigo. Jesus dorme na popa e é, então, acordado pelos amigos que lhe dizem: "Mestre, não te importas que estejamos perecendo?" Ele acorda, ameaça o vento e diz ao mar: "Silêncio! Acalma-te." Cessa o vento e faz-se grande bonança. Como vemos, Jesus domina a “palavra perdida”. Esta passagem bíblica, obriga-nos a mais algumas reflexões. A “palavra perdida” não é uma simples palavra pronunciada do modo como nós fazemos, pois se tentássemos imitar Jesus e, numa situação de perigo, também ordenássemos ao mar que silenciasse e se acalmasse, certamente morreríamos afogados. Trata-se, então, de palavra ou palavras que, ao serem pronunciadas, precisam de algo mais do que ar, cordas vocais, boca, dentes, língua e palato. É esse algo mais que procuramos.

Na literatura romana, vamos encontrar Ovídio que escreveu um livro intitulado *Metamorfoses*, em que discorre sobre as quatro idades que a humanidade, desde sua criação pelos deuses, atravessara até a sua época. À primeira idade, chamou de ouro. Nesse tempo os homens convíviam com os deuses em grande harmonia e eram completamente felizes. No entanto, à medida em que os homens percebiam que podiam dizer o mundo e entendê-lo, passavam a acreditar que também eram deuses e foram-se afastando progressivamente do mundo divino e criando o seu próprio. Desta forma, surgiram as idades de prata, de bronze e de ferro. As palavras que traduziam e expressavam o mundo dos deuses foram sendo esquecidas por não

serem usadas, até que se perderam por completo. Na idade de ferro, os homens encontravam-se a uma distância máxima dos deuses e sentiam-se muito infelizes, ao se darem conta que não conseguiam mais retornar à felicidade antiga, pois não dominavam mais as palavras especiais que lhes davam acesso ao mundo sagrado.

Estas palavras esquecidas, pensamos, são as palavras perdidas, ou a “palavra perdida”, que davam ou dava conta do mundo dos deuses. Mas algo pior ainda viria a acontecer durante a idade de ferro: o distanciamento dos homens entre si, distanciamento este ilustrado pela narrativa da Torre de Babel, apresentada no Gênesis, onde Deus, para castigar o orgulho e a prepotência humana que queria erguer uma torre que chegasse ao céu, lhes confundiu a língua única que falavam, para que ninguém mais se entendesse, pois passaram a falar línguas diferenciadas. É bem verdade que Paul Zumthor<sup>3</sup> consegue fazer deste texto uma interpretação esperançosa, vislumbrando aí o começo de um esforço gigantesco de reaproximação cultural que se estende até os nossos dias.

Ainda assim, as evidências fazem-nos acreditar que ainda estamos em plena idade de ferro, e isto significa que, se não conseguimos nos comunicar adequadamente entre nós mesmos, muito menos condições teremos de falar com os deuses, como se fazia na idade de ouro, isto é, não conseguiremos ser felizes, porque nos faltam as palavras adequadas, num e noutro caso.

O tema da “palavra perdida” também está presente nos *Contos das mil e uma noites*. Conta a lenda que houve um tempo em que o homem conhecia uma palavra mágica, a qual, uma vez pronunciada, tinha o poder de realizar fenômenos, tais como causar invisibilidade, obter um tapete mágico para o transporte a lugares distantes, conferir saúde, multiplicar forças, conhecer o oculto e o manifesto e obter tudo o que o coração desejasse. O ser humano, contudo, esqueceu-se da forma de pronunciar essa palavra, a partir do momento em que sua cobiça o fez afastar-se do bom uso do poder que tal palavra lhe concedia. Esta palavra mágica constitui uma alusão à “palavra perdida”.

Mas, há um outro fato a considerar: a perda da palavra mágica impõe-nos limitações que nos incomodam muito. Por isso, não descansamos e procuramos, por diversos caminhos, chegar à tal palavra, ou palavras, que se “perderam”. Não é verdade que, por exemplo, as crianças conhecem dos contos infantis os termos abracadabra e abre-te-sésamo? Embora pertençam ao plano do imaginário, ao plano ficcional, trata-se de termos que pretendem resgatar o poder da “palavra perdida”, aquela palavra que, uma vez pronunciada, cria qualquer coisa que desejemos. Já imaginaram o poder que o homem teria, se pudesse pronunciar a “palavra perdida”? A resposta imaginada para esta pergunta, conduz-nos a outra: será que o homem, hoje, tal qual o conhecemos, teria condições, equilíbrio mental e emocional para poder pronunciar a “palavra perdida”? Nem é preciso levantar provas ou tecer argumentos, para dizer que não. O homem, hoje, ainda não é senhor da razão, portanto, não pode, em princípio, possuir o poder de fazer realizar, através da articulação da palavra, tudo o que quiser, tudo o que desejar, embora o deseje ardentemente.

Não se trata, como vemos, de apenas procurar determinadas palavras, mas também de saber imprimir-lhes poder. Mas, como atribuir poder às palavras que já conhecemos, de forma a tornar a nossa fala poderosa, obediente, aos nossos desejos? Quando estudamos literatura, ou outras artes, detemo-nos e investigamos as estruturas diferenciadas dos textos literários (ou de outras obras de arte), que se articulam de modo diverso daquele a que estamos acostumados. Muitas vezes,

ficamos até chocados com isso e, sem entender o que temos pela frente, normalmente tomamos duas atitudes: ou abandonamos o livro (ou a obra de arte) e achamos aquilo sem sentido e sem valor, pelo simples fato de não os entendermos, ou somos teimosos e vamos atrás do mistério que barra o nosso entendimento imediato. Normalmente, atrás do obstáculo, há forte luz. (Não só o ritual da leitura deve ser considerado, mas também outros rituais: por exemplo, os místicos – também neles há a procura da “palavra perdida”. Alguém, hoje, se preocupa em desvendar o significado não só do que o padre ou pai-de-santo diz, mas do como eles dizem, ou seja, dos gestos que acompanham suas falas, durante os rituais que praticam? Aqui, há também o propósito de dar expressão à “palavra perdida”. (Não nos esqueçamos que as orações, que repetimos, ou a articulação de mantras também são tentativas para alcançar a “palavra perdida”).

O mito confirma que há pessoas que têm uma vaga lembrança dessas palavras perdidas e que essas pessoas, em relação às outras, estão um pouco mais perto dos deuses e de seu mundo. Essas pessoas são, na literatura, os poetas; na arte, os artistas; no plano místico os chamados iniciados. Tais pessoas usam determinadas técnicas e estratégias que precisam ser aprendidas, examinadas, estudadas, para se ter pelo menos uma idéia de como iniciar o caminho que leva à proximidade da “palavra perdida”.<sup>4</sup>

Posto isto a que, talvez, pudéssemos chamar de introdução panorâmica, gostaríamos, agora, de relativizar o tema da “palavra perdida” no exame da peça radiofônica alemã *Das Jahr Lazertis* (O ano lazertis = O ano dos lagartos)<sup>5</sup> de Günter Eich. A história a que nos vamos referir foi contada numa Alemanha ainda sob o impacto da catástrofe que foi a Segunda Grande Guerra. Foi transmitida em 1958 à população através da rádio, assim como se fosse uma radionovela de um só capítulo. Portanto, trata-se de uma história dirigida ao grande público. Talvez fosse bom lembrar que, na época, a nova geração de escritores alemães tinha como objetivo “sanear”, “limpar” a língua alemã dos abusos e das manipulações que dela tinham feito os nazistas para fins políticos. Vou dar um exemplo, só para ilustrar o problema: a palavra “pátria”, associada aos conceitos de “solo” e de “sangue” fora empregada pelos nacional-socialistas de tal forma, que o seu significado original de “terra em que se nasce” e, portanto, se ama, fosse superposto ao conceito de “estado”, e ao regime político vigente, que era o nacional-socialismo. Assim, o cidadão comum passava a confundir “pátria”, “estado” e “regime político” como se fossem sinônimos, levando-o a substituir “amo a minha pátria, a Alemanha” por “amo o social-nacionalismo, a Alemanha”. A propaganda nazista usou e abusou destes truques lingüísticos, viciando a língua, para seduzir o povo com suas propostas políticas. Contra isto, levanta-se, então, a geração dos escritores jovens que impõe a si a tarefa de resgatar o poder original das palavras da língua alemã. Günther Eich o faz a seu modo.

A história, contada na peça por ele criada, começa em terras brasileiras, mais precisamente, num leprosário, onde se encontra a personagem principal, chamada Paul. Este leprosário está localizado em algum lugar no litoral de Pernambuco e é conhecido pelo nome de “La Certosa”. Este edifício fora, em outras épocas, um convento de monjas cartuxas italianas. Diante do prédio, há uma fila de palmeiras que, aos olhos de Paul, funcionam como uma grade que separa o convento/leprosário do “mundo e do tempo”. Enquanto convento, este espaço era utilizado para o isolamento e para a meditação; enquanto leprosário este espaço segrega e abriga

doentes terminais que, dali, só sairão para o cemitério local. A reflexão, o sofrimento e a morte são, portanto, marcas deste local.

Mas, como foi que Paul foi parar ali? Ele mesmo conta-nos sua história através de recordações. Tudo começou na Europa, onde Paul vivia, lá pelo ano de 1880 a que Paul chama de ano *lazertis*. Paul não tem mais muita certeza do ano. Imagina que já se devem ter passado uns vinte ou trinta anos, desde a noite em que tudo começou. Era uma noite de São Silvestre – passagem do ano. Paul, seguindo os costumes de sua terra natal na Alemanha, havia derramado chumbo derretido em uma travessa com água para adivinhar o futuro. O chumbo derretido, ao esfriar e solidificar-se, tomou a forma de uma determinada figura que Manuela, sua amiga, interpretara como sendo o arco de um portão. E a história, ficou por isso mesmo. Hoje, no leprosário, Paul relaciona esse arco de portão, mostrado pelo chumbo derretido, com a entrada do leprosário. Portanto, naquela noite de São Silvestre, o destino de Paul já aparecera na travessa com água, desenhado pelo chumbo derretido. Mas, naquela mesma noite aconteceram outras coisas. Depois de deitar-se e adormecer, Paul acorda de repente no meio de um sonho, acreditando ter ouvido, pronunciada pelos transeuntes bêbados que passam sob a janela entreaberta de seu quarto, de palavra especial, aquela “capaz de resolver todos os mistérios”. Apesar de ter certeza de ter ouvido “a palavra”, não consegue, no entanto, articulá-la, reproduzi-la. Acha que o seu som lembra a pronúncia do vocábulo “*lazertis*”.

A partir deste momento, toda a vida de Paul será determinada pela busca desta “palavra”. Tendo ouvido o pronunciamento da “palavra” e, querendo escutá-lo de novo, Paul levanta-se e põe-se a seguir os transeuntes, na esperança de alcançá-los, mas a neve havia apagado as suas pegadas. Ao perder a pista perseguida, vai dar a um muro, de onde se avista o porto. A penumbra existente na atmosfera nevoenta mal lhe permite reconhecer o lugar. Uma placa com nomes gravados em memória de alguns mortos chama-lhe a atenção: ali inscrito encontra-se o nome de seu irmão. “Por um momento pareceu-[lhe] consolador saber que também o nome de [seu] irmão constava na placa, que ele portanto, com certeza, pertencia ao grupo daqueles que conheciam a palavra e não precisavam procurá-la pela neve.”<sup>6</sup>

De repente, em vez de encontrar os transeuntes procurados, distingue um homem corcunda chamado Laparte, acorçado em cima do muro. Travam conhecimento, e Paul convida-o a tomar chá em sua casa. Aí conversam o suficiente para que se fique sabendo que Paul pinta animais. Este fato leva Laparte a convidá-lo para participar de uma expedição de estudos que fará proximamente ao Brasil. Laparte ocupa-se com o estudo de lagartos. Paul poderia pintar-lhe todas as espécies encontradas, pois não seria possível manter em cativeiro todos os exemplares, nem levá-los para a Europa. Conversando com Laparte acerca da “palavra”, Paul afirma parecer-lhe “que bem no começo havia um “a”.<sup>7</sup> Então, vejamos: Embora Paul não consiga identificar com exatidão a “palavra”, guarda na memória três características a ela pertinentes - a semelhança sonora com “*lazertis*”, o fato de se tratar de palavra conhecida pelos mortos, e a probabilidade de começar com um “a”. Interpretamos estas três características. A letra “a”, a primeira do alfabeto, simboliza a unicidade, a essência divina, o manancial, a razão de ser de todos os atos. Portanto, o “a” seria uma letra que, por si só, quando pronunciada corretamente, colocaria o homem em comunicação com o plano divino. Tratando-se, também, de uma palavra conhecida pelos mortos é, portanto, uma palavra capaz de exprimir um mundo além do nosso. “*Lazertis*”, por sua vez, faz lembrar a Laparte o vocábulo “*Lazerten*”, palavra alemã que remete para o vocábulo latino “*lacerti*” que designa lagartos - objetos de suas



pesquisas. Laparte desenvolve esta associação, pensando ainda na idéia evocada pelos lagartos que conduzem, no campo da adivinhação, à figura do deus Apolo, deus do sol e da luz. Realmente, o lagarto gosta do calor e se expõe frequentemente ao sol, sendo, assim, um animal solar, simbolizando a alma humana à procura da luz que, ao encontrá-la, se queda em êxtase contemplativo. Apolo é profeta e, como o Sol, vê tudo, inclusive o que está para suceder. Além disso, é também o deus dos navegantes e das expedições marítimas. Para convencer Paul a viajar com ele ao Brasil, Laparte ainda lhe diz que a imagem desenhada pelo chumbo derretido não é o arco de um portão, mas sim um navio - navio que os levará a Pernambuco, encandeando, deste modo, o destino de Paul e a procura da “palavra” a terras brasileiras. Por outro lado, tanto o vocábulo “lazertis” - o eco difuso da “palavra”, quanto o nome Laparte, apresentam o mesmo prefixo “la”, o que junta as coisas. Além disso, Laparte apresenta uma corcunda nas costas e pergunta a Paul, se não gostaria de passar a mão nela, pois segundo a crença popular, isso trar-lhe-ia sorte e felicidade. O nome “Laparte” também se pode associar a “la parte”, ou seja, “a parte”, isto é, o conhecimento apenas parcial. Resumindo, a associação entre “lazertis, Lazerten, Laparte” remete ao plano dos presságios, das superstições, das adivinhações, que nos dão conhecimento, mas apenas em parte, não o conhecimento total.

Paul resolve aceitar o convite de Laparte e acompanha a expedição científica ao Brasil. Chegado à cidade de Recife, Laparte e Paul hospedam-se na casa do Dr. Bayard, um especialista em cobras. Paul também fala com Bayard sobre a “palavra” que procura. Então, Bayard associa o vocábulo “lazertis” a “Laerte”, pai de Ulisses (menção à *Odisséia* de Homero), porque como Laerte, também ele Bayard aguarda o regresso do filho. O filho de Bayard é então identificado com Ulisses que sai de Ítaca para fazer a guerra e para a vivência de diversas aventuras que lhe aumentam o conhecimento. Também Paul sai da Europa, atravessa o Atlântico e desembarca no Brasil à procura da “palavra”.

Durante uma expedição ao Amazonas para estudar lagartos, Laparte traz a notícia da existência de um branco doente, abandonado junto aos índios. De todos os integrantes da expedição, Paul é o único que se dispõe a levar medicamentos a este enfermo e a ajudá-lo. Ao chegar lá, verifica que o branco doente chama-se Richards. Este Richards, no entanto, pensa ser Lázaro. Lázaro é uma palavra próxima de “lazertis”. Talvez seja uma pista correta. Lázaro é um nome que surge no Novo Testamento em dois Evangelhos e em dois relatos diferentes. No Evangelho de São Lucas, Lázaro é um mendigo leproso que vive à porta de um homem rico, e se alimenta de suas migalhas, sendo por ele desprezado. Certo dia, este Lázaro morre e é recompensado com a felicidade no céu. Assim, a figura bíblica sobrepõe-se à de Richards, apontando para este uma vida também feliz no Além. No texto do Evangelho de João há uma passagem, referente a um outro Lázaro, irmão de Marta e de Maria, ressuscitado por Jesus que simplesmente diz: “Levanta-te Lázaro”, e Lázaro acorda de seu sono mortal e volta à vida, evidenciando-se, aqui, portanto, a força da palavra do Mestre. Ao se associarem as palavras “lazertis” e “Lázaro” nestes dois sentidos, fatos da vida terrena e da vida de além-túmulo são ressaltados. Lázaro é, assim, uma figura que nos mostra a vida terrena e a vida transcendental. De um lado, aponta para uma recompensa, de outro, para o poder criativo da palavra, insinuando que haja algo compensador ao término de uma vida sofrida e que o uso da palavra pode criar vida. A conversa entre Richards/Lázaro e Paul é, para este,

uma revelação e motivo de reflexão sobre o sentido da caridade e do amor ao próximo, assim como também sobre o significado da morte.

Porém, a lista de associações não pára por aqui. Paul fica ao lado de Richards até a sua morte que ocorre no espaço de duas semanas. Na manhã seguinte, Paul descobre manchas no próprio corpo. Desconfiado da possibilidade de ter também contraído lepra, procura o Dr. Bayard, para dele obter um diagnóstico preciso. No momento da consulta, o Dr. Bayard revela a Paul que não mais associa a palavra “lazertis” a “Laerte”, pai de Ulisses, mas sim a “Laerte”, irmão de Ofélia, pois sua irmã também morrerá louca. Ora, Ofélia e Laerte são personagens de Hamlet, peça de Shakespeare, cuja personagem principal é conhecida pelo dilema “ser ou não ser: eis a questão”, que resume toda a angústia de Paul frente ao sentido da vida e da morte. Tendo contraído lepra, Paul é levado ao leprosário que se chama, como vimos, no começo, “La Certosa” que pode significar “a certeza” e que também evoca a palavra “lazertis”. O leprosário é o último elo da rede fonético-semântica estabelecida em volta de “lazertis” e funciona como ponto final das viagens e sondagens de Paul. Trata-se de um local, onde ele conhece outros doentes e, em especial, uma mulata, chamada Manuela que, pelo nome, lhe recorda uma outra Manuela, amiga que deixara na Europa, e que fizera a primeira interpretação da figura desenhada pelo chumbo na água, na noite de São Silvestre, como o arco de um portão. Só agora, Paul entende a predição feita, ao constatar a semelhança existente entre o desenho do chumbo e o formato do portão do leprosário, acreditando que, depois das viagens pelo Brasil, chegara ao seu objetivo, onde finalmente encontraria a “palavra”. No leprosário vem a saber, através da mulata, que o Dr. Bayard fora internado em um manicômio, como doente mental, e essa revelação é suficiente para colocar em dúvida o diagnóstico de seu contágio. Convencido de que, na verdade, não sofre de lepra, prepara-se para abandonar o hospital. Chega a acreditar ter sido conduzido até lá por uma palavra falsa, a palavra “la certitude”, ou seja, “a certeza” do diagnóstico realizado por um médico louco. Paul crê, por isso, dever continuar procurando a “palavra certa”. Perante a idéia da saída do leprosário e do regresso à Europa, que para ele significa a volta à liberdade perdida, seu espírito fraternal, a reflexão e a dúvida, cultivados e exercitados durante toda a sua procura, intervêm na sua decisão. Afinal, como ele confessa, “com certeza todos [os leprosos] poderiam morrer sem ele, mas ele não poderia viver sem eles.”<sup>8</sup> A compaixão e o amor ao próximo significam vida, a sua vida e, por isso, determinam a sua escolha de ficar no leprosário, apesar de não estar doente. Paul vê-se, assim, defrontado com o sentido de sua existência. Esta revelação traz-lhe serenidade, plenitude, felicidade, características que marcavam a vida do homem, quando em contato com os deuses. A “palavra” procurada por Paul mostra-se não como “palavra”, mas como uma vivência e, por isso, ela é impronunciável. Apesar de todo texto e de seu arranjo peculiar, ainda assim, as palavras não são suficientes para traduzir em todos os detalhes a íntima, profunda e singular vivência de Paul, a que só o próprio indivíduo tem acesso. Não chegamos à poderosa “palavra perdida”, no entanto, é-nos mostrado que o amor ao próximo é um ingrediente constitutivo de uma etapa do caminho que a ela conduz.

Pelo que vimos, a busca da “palavra perdida”, a palavra que ao ser pronunciada cria a realidade que pronuncia, pressupõe a exploração de várias pistas, que desembocam na aquisição de diversos conhecimentos e na experimentação de várias vivências. A busca da “palavra perdida” leva Paul, nesta história, a um estágio, ilustrado pelo seu encontro com o sentido da vida e da morte que, por sua vez, lhe

traz o conhecimento do amor fraternal, que o auto-realiza enquanto homem/personagem. A história acaba aqui.

No entanto, a busca da “palavra perdida” pode e deve continuar. Esta história permite-nos deduzir que a busca será caracterizada pela perseguição de várias outras pistas, que levarão a muitos outros conhecimentos, a muitas outras vivências e a um aprendizado sempre maior e maior. Desconhecemos qual a quantidade exata de aprendizado, pois isso também depende do caminho percorrido por cada indivíduo. Não nos esqueçamos, no entanto, que ultrapassar o que não nos é familiar constitui exigência desta procura. A abertura para o diálogo com outras culturas é um pré-requisito, por exemplo. Talvez quando tivermos acumulado tantos conhecimentos e vivências que preencham todos os requisitos exigidos para sermos “pequenos deuses”, como Jesus certa vez declarou, só para ficarmos na cultura judaico-cristã, consigamos, finalmente, como ele, pronunciar a “palavra perdida”. Ou ainda, caso seja possível, um dia, dar a todos oportunidade de pronunciar suas palavras, possamos, de repente, depararmos-nos com a “palavra perdida”, a utopia da conversa plena de Gadamer e de Habermas!

De qualquer modo, a “palavra perdida”, para nós estudiosos da literatura, está relacionada com a experiência estética, o intervalo semântico em que se dá a dissolução do sujeito e do objeto, intervalo este que se tentará traduzir, posteriormente, mas sempre dentro das limitações do código e que, portanto, continuará sempre como intervalo, onde a palavra se perde.

## Notas

<sup>1</sup> Este texto foi originalmente, mas com modificações, publicado na Revista *Projekt-Appa* nº 5, 1989, p.9-19.

<sup>2</sup> *Hesíodo – Teogonia. A origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo, Massao Ohno, 1981, p. 19.

<sup>3</sup> Pordeus Jr., Ismael. Babel ou a metáfora do esquecimento. In: Ferreira, Jerusa Pires (org.) *Oralidade em tempo & espaço*. Colóquio Paul Zumthor. São Paulo, Educ, 1999, p.159-171.

<sup>4</sup> Sobre este assunto leia-se também: Eco, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura européia*. Trad. Antonio Angonese. Bauru, Edusc, 2001.

<sup>5</sup> Eich, Günter. *Das Jahr Lazertis*. Gesammelte Werke. Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1973, vol. II, p. 673-716.

<sup>6</sup> Id. *ibid.*, p. 676.

<sup>7</sup> Id. *ibid.*, p. 678.

<sup>8</sup> Id. *ibid.*, p. 711.

# Amalia Schoppe e a emigração alemã para o Brasil no conto *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*<sup>1</sup>

Gerson R. Neumann

German immigration to Brazil starts in the 19<sup>th</sup> century. In Brazil, the German Immigration Literature has already been a subject of many studies. Nevertheless, what was produced in Germany during the period of the great emigration by the land people of these emigrates is still unknown by the Brazilian people and also by the German folk. This article shows the results of a careful bibliographic research, that was made in German libraries and archives. In this article there is an important work: one narrative from Amalia Schoppe, *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*. They present interesting aspects about Brazil and about Germany at the e(i)migration context in the 19th century.

**Keywords:** German immigration; literature; Brazil; Amalia Schoppe.

## 1 Introdução

A temática da e(i)migração é bastante diferente no nosso tempo, se comparada à européia do século XIX, quando milhares de alemães, e europeus, deixaram seus países à procura de melhores condições de vida em outras partes do mundo. No presente texto interessa-nos especificamente a temática da emigração alemã para o Brasil. Hoje são imigrantes de outras partes do mundo, principalmente de países africanos, asiáticos e das Américas, que procuram melhores condições de vida na Europa e em outros países em melhor situação. A História sempre nos oferece uma leitura do passado, a partir da qual muitas vezes é possível constatar erros cometidos, o que deveria evitar, a princípio, que eles se repetissem. Também textos literários, resultado de tentativas de pessoas contemporâneas a esses eventos – no caso do evento da emigração alemã para o Brasil – possibilitam ao leitor moderno uma (re)-leitura de registros de determinado contexto histórico, mesmo em se tratando de textos ficcionais. Quando os primeiros imigrantes alemães rumavam para o Brasil, uma escritora do norte alemão fixou tal iniciativa na forma de um conto, ainda pouco conhecido do público brasileiro. Trata-se de Amalia Schoppe, que escreveu o livro *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha* (em português: Os emigrantes para o Brasil ou a cabana junto ao Gigitonhonha), publicado em 1828, em Berlin, pela editora e livraria de C. F. Amelang.<sup>2</sup>

A seguir pretendemos, em primeiro lugar, apresentar ao público brasileiro a autora Amalia Schoppe. Em segundo lugar, a obra ficcional de Amalia Schoppe que tematiza a emigração de alemães para o Brasil. Nesse momento será apresentado o enredo da obra. Num terceiro momento, serão apresentados dois aspectos de análise da obra de Amalia Schoppe: a – A imagem de Brasil dos futuros imigrantes alemães;

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS; Brasil. Fax: 0055 51 3316 7303; Tel: 0055 51 3316 6696; e-mail: gerson.neumann@gmail.com

b – O brasileiro na visão dos emigrantes alemães.



## 2 A autora

Amalia Emma Sophie Katharina Schoppe (nascida Weise)<sup>3</sup> nasceu no dia 7 de outubro de 1791 na cidade de Burg na ilha Fehmarn, no norte da Alemanha. Ainda criança é enviada a Hamburgo para estudar. Em 1814 casa-se com o advogado Schoppe, do qual se separa sete anos depois, em 1821. Torna-se, juntamente com Fanny Tarnow, fundadora e diretora de uma escola para meninas em Hamburgo. De 1842 a 1845 vive em Jena, mas regressa a Hamburgo e em 1851 emigra para os Estados Unidos, onde vive seu filho. Lá ela continuará a sua vida cultural sempre muito ativa e sua dedicação ao projeto educacional, sendo fundadora de uma escola para crianças alemãs. No dia 1 de outubro de 1858, Amalia Schoppe morre em Schenectady, próximo a New York, nos EUA.

A larga vida produtiva de Amalia Schoppe inicia em 1822, quando ela publica contos, entre outros *Abendstunden der Familie Hold* (1823), *Die beiden kleinen Seiltänzer* (1835), e romances históricos, como por exemplo *Tycho de Brahe* (1839) e *Polixena* (1844). Amalia Schoppe é uma pedagoga muito ativa durante toda a sua vida, atuando, principalmente, como educadora e escritora. Além de seus livros de cunho moral, Schoppe publicou também importantes obras para a escola: em 1830 ela publica uma cartilha para o lar e para a escola a partir de um método melhorado e em 1832 uma cartilha para a parede (*Wandfibel*). De 1827 a 1846 é redatora da revista *Pariser Modeblätter* (Hamburg), a partir de 1827 da *Iduna. Zeitschrift für die Jugend beiderlei Geschlechts* (Hamburg e Altona) e de 1847 a 1851 da *Cornelia. Taschenbuch für deutsche Frauen* (Darmstadt). Além disso, contribui para diversas revistas, entre elas para a *Morgenblatt für gebildete Stände* (Stuttgart/Tübingen) e *Morgenblatt für gebildete Leser* (Stuttgart/Tübingen), para as quais ela envia poesias e contos.<sup>4</sup> Importante para a época foi, contudo, o seu método feminino para a escrita de cartas: *Briefstellering für Damen* (1834), que era parte indispensável nos lares das famílias alemãs bem situadas da segunda metade do século XIX.<sup>5</sup>

Relevante é também a participação de Amalia Schoppe na formação do futuro dramaturgo alemão Friedrich Hebbel. Ela, juntamente com Elise Lensing (futura amante de Hebbel), possibilitou ao então jovem dramaturgo a permanência na cidade de Hamburgo e assim a sua formação. Muitos conflitos marcam, contudo, o relacionamento de Amalia Schoppe e Friedrich Hebbel.<sup>6</sup>

Antes de 1822, quando Amalia Schoppe atuava como educadora numa casa de nobres hamburgueses, trava contato com a educadora Rosa Maria Varnhagen, que se tornará uma amizade vitalícia. Rosa Maria era irmã do futuro famoso Karl August Varnhagen von Ense e viria a ser cunhada da ainda mais famosa Rahel Varnhagen.<sup>7</sup>

Além disso, pertence ao círculo de amizades de Amalia Schoppe o escritor Adalbert von Chamisso, que passou pelo Brasil numa de suas viagens, conforme é possível ler nas suas narrativas. Especialmente importante para a vida literária de Amalia é a presença do poeta Justinus Kerner em Hamburgo. Em maio de 1809, ele chega à cidade como médico para dar seqüência à sua viagem de formação profissional pela Alemanha.<sup>8</sup> Inicialmente ele conhece Rosa Maria, que o apresenta a Amalia Schoppe. Até setembro desse ano, Amalia Schoppe e Justinus Kerner vivem uma intensa amizade literária.

Conforme Kurt Schleucher, é o poeta Gottfried August Bürger o primeiro contato poético de Amalia Schoppe. A ênfase trágica do poeta em “Héloise an Abälard” levaram Amalia Schoppe a escrever uma resposta em “Abälard an Héloise.” Depois de Bürger ela leu Schiller, os irmãos Schlegel, Fouqué, Klopstock e Novalis.<sup>9</sup> Em Abril de 1810 Kerner escreve a seu amigo Ludwig Uhland que Amalia Schoppe é um ser maravilhoso, pois sabe falar de música, poesia e pintura como Deus. Segundo ele, é impossível imaginá-la sem pensar em Novalis.<sup>10</sup>

Ao final do ano de 1811, Justinus Kerner publica, com o apoio de seus amigos de Tübingen Ludwig Uhland, Gustav Schwab e Karl Meyer, o *Poetischer Almanach für das Jahr 1812* na editora de Gottlieb Braun, em Heidelberg. O livro deveria reunir poetas românticos populares do norte e sul da Alemanha. Desta forma, o amigo dá a Amalia a oportunidade de publicar algumas de suas poesias.<sup>11</sup> Assim Kerner abre uma vertente que nunca mais secará. Uma vez estimulada a escrever, Amalia nunca mais deixará esta prática...<sup>12</sup>

Depois da estréia na lírica, Amalia Schoppe ocupar-se-á principalmente de prosa. Na *biografia geral alemã* (Allgemeine Deutsche Biographie) lê-se que a autora nem sempre foi fiel à narrativa nos seus romances e que muda os heróis a seu bel-prazer.<sup>13</sup> A maior parte de suas obras é dedicada à juventude, mas a temática de alguns de seus romances certamente não deve ter interessado somente aos jovens, mas também a leitores adultos. Amalia Schoppe escreveu mais de 180 obras. Destaque merece aqui o fato de Amalia Schoppe ter vivido já na primeira metade do século XIX, juntamente com seus filhos, da sua atividade como escritora.

No ano de 1828, quando foi publicado o seu livro sobre a emigração alemã para o Brasil, Amalia Schoppe ainda está no início de sua atividade como escritora. O seu romance sobre a emigração alemã para o Brasil, *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha* (1828), recebe uma segunda edição em 1852 e é também seu livro mais vezes traduzido: uma vez para o tcheco (Praga, 1830). Na França, o seu livro parece ter tido uma recepção muito positiva, uma vez que teve 27 edições entre os anos de 1830 e 1919, como é possível comprovar na *Bibliographie französischer Übersetzungen aus dem Deutschen 1487 – 1944*.<sup>14</sup>

Na época da publicação de seu livro sobre a emigração alemã para o Brasil, a autora não tinha maiores contatos com a temática da emigração alemã. A

proximidade da então porta alemã para o mundo – o porto de Hamburgo – por onde Amalia Schoppe passeava e conversava com Justinus Kerner sobre a literatura e sobre o mundo, certamente encheram-na de bons sentimentos em relação à distância. Essa sensação de liberdade e de possibilidade de sair para o mundo que o porto então lhe transmitia pode ter sido fundamental para Amalia Schoppe decidir, já na sua idade madura, emigrar para os EUA, onde estava seu filho.<sup>15</sup>

### 3 A obra *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*



A seguir propomos um breve resumo do enredo, visto que um dos objetivos deste artigo é também tornar a obra do início do século, que tem por tema central a emigração de alemães para o Brasil e sua vida neste país.

#### Enredo:

Dos países na América para onde os europeus, movidos pela grande carência de recursos e pela febre da emigração, sentiram-se atraídos para reiniciar as suas vidas e projetarem um futuro melhor, o Brasil estava entre os primeiros objetivos. O grande país sul-americano atraía para lá muitos europeus com promessas esperançosas, as quais, porém, não poucas vezes podiam ser satisfeitas. Apesar de esperiências frustradas, muitos alemães continuaram tentando a sua sorte no Brasil.

A família Riemann, do estado alemão de Württemberg, não pretende procurar sua sorte incerta em algum lugar distante. Eles vivem numa área arrendada. Somente a pequena casa, uma cabana, juntamente com a pequena horta, parte da herança do pai, faz parte de suas posses. E sobre esses poucos bens ainda recai uma grande dívida.

A situação é bastante complexa, de modo que o velho Riemann não sabe mais como dar alimento e moradia para seus filhos. A sua religiosidade faz com que busque resposta para tudo na palavra divina. Certo dia, no caminho para casa do trabalho, ouve vozes cantando ao longe. São homens, mulheres e crianças a cantar uma música popular muito conhecida por toda parte: “O Brasil não é longe daqui...” São em torno de oitenta pessoas, todos vão descalços, em parte para melhor conseguir andar ou então para economizar os calçados; há pobreza clara entre eles. Eles pretendem emigrar para o Brasil via Holanda.

De um homem do grupo o velho Riemann vem a saber que eles pretendem tentar sua sorte naquele país, onde devem existir, conforme lhes foi assegurado, montanhas de ouro e prata à luz do dia. Não encontrando ouro, contudo, então deve haver terra suficiente para braços trabalhadores.

A esposa do velho Riemann já havia morrido há tempo. Com ele moravam ainda sua filha Margarethe juntamente com seu pequeno filho, cujo pai morrera recentemente. Além deles, moravam na mesma casa o filho mais velho, Conrad, e a pequena Anna e Wilhelm.

A idéia de deixar a terra natal é muito difícil para todos, menos para Conrad, que está disposto a iniciar uma nova vida longe da sua terra. É bastante doloroso para todos deixar para trás o jardim, a cerejeira e o sabugueiro, e também não mais poder ver a sepultura da querida mãe. O filhos, porém, apoiam o pai.

Eles vendem a casa e tudo que não lhes pode vir a faltar, o pai paga as suas dívidas, despede-se de amigos e conhecidos da região, e juntos partem para a Holanda. Com 300 Thalern<sup>16</sup> a família de seis pessoas deveria conseguir a passagem para o Brasil.

Conrad deveria ir à frente e resolver todas as questões para a família no porto, para não terem que permanecer muito tempo na cidade portuária. O jovem resolveu tudo com o capitão do navio e por 200 Thaler todos deveriam chegar ao Rio de Janeiro. Não foi dito aos outros membros da família, contudo, que Conrad foi convencido pelo capitão a assinar um documento, segundo o qual Conrad seria vendido por ele como escravo logo após a chegada no Rio de Janeiro. Sem isso teria sido impossível à família pagar as passagens.

O lugar destinado para eles no navio era mínimo e, além disso, muito abafado e a comida era ruim. Por esses motivos, o filho de Margarethe não completa a viagem. Ele morre em decorrência, principalmente, da falta de alimentos apropriados e de ar puro e saudável para uma criança.

Pouco depois da chegada no Rio de Janeiro, o pai e os irmãos vêm a saber com grande tristeza que Conrad deve ser vendido na feira de escravos. Conrad havia se deixado convencer e precisaria aceitar as regras do contrato. O pai ainda apela para a compaixão do capitão para que liberte seu filho, mas suas tentativas foram em vão. Conrad é vendido a um guarda dos jardins imperiais.

A família Riemann também precisa se deslocar à casa do governador, onde devem acontecer os sorteios dos lotes das famílias. Riemann ganha uma área no Distrito de Exploração de Diamantes, junto ao Rio Gigitonhonha. Do secretário do governador, o velho Riemann sabe que acabara de receber uma ótima área de terras. Ele não deve, contudo, nunca comprar diamantes dos negros que trabalham nas minas, pois a pena para tal delito é de morte. Além disso, ele é informado pelo secretário, um descendente de alemães chamado Dankwart, que ele deve providenciar todos os implementos necessários para lavoura e para a construção da casa, porque o governo não dará nada além das terras. Sem recursos financeiros é impossível começar algo no Brasil.



No dia seguinte, inicia a viagem da família para a sua nova terra. Eles se dirigem a uma cidade menor, onde devem receber de um outro governador informações sobre sua terra. De lá são conduzidos por um negro até a sua área de terras.

Na sua nova terra, os imigrantes alemães não têm nada além da certeza que estão na área que agora lhes pertence. Na primeira noite, eles precisam improvisar, mas no dia seguinte iniciam logo a construção da nova casa. Aos poucos, conhecem sua terra e iniciam a nova vida no Brasil. Muitas vezes, o pai e os irmãos pensam no irmão que está no Rio de Janeiro.

Depois da primeira viagem à cidade mais próxima para comprar algumas coisas e também vender os primeiros produtos colhidos, o pai e Wilhelm conhecem um soldado alemão, Klaus, que está a serviço do governo brasileiro. Nele eles têm alguém que os auxilie nas dificuldades lingüísticas na hora das negociações. Essa primeira experiência no mercado no Brasil foi muito motivadora para os dois, que regressaram felizes para casa.

Depois de não muito tempo, os novos habitantes das proximidades do Gigitonhonha já têm uma vaca, uma cabra e papagaios; Wilhelm faz painéis de barro para a casa e Margarethe organizou muito bem a casa, mas todos sentem falta de Conrad.

Na segunda visita ao mercado, os imigrantes encontram novamente Klaus e dessa vez ele tem algo especial para o velho Riemann. No primeiro encontro, o soldado soubera da triste situação de Conrad. Ele tem algo com que poderia ajudar o velho, um diamante que ele obtivera de um negro. Assim Riemann poderia vender a pedra preciosa e com o dinheiro comprar a liberdade de Conrad. O pai, contudo, não poderia usar desse meio ilícito. Além disso, tudo seria muito perigoso. Ele se lembra da conversa com o secretário na residência do governador. Ele agradece a Klaus pelo seu interesse, gostaria, porém, de resolver tudo de uma forma bem diferente: ele quer devolver a pedra preciosa ao imperador. Ele propõe ir ao Rio de Janeiro com Klaus para reorganizar toda a situação.

No Rio de Janeiro Riemann procura o já conhecido secretário, pois ele sempre lhe havia dado boas e importantes informações. Riemann consegue falar com ele ao final do dia, quando ambos se encontram; Klaus havia permanecido na pensão. Velho Riemann conta a história a Dankwart. Ele propõe que Riemann fique primeiramente com a pedra e que se procure a imperatriz, pois a austríaca é mais aberta e é mais compreensível para com os imigrantes no Brasil. O secretário pretende discutir tudo com ela e no dia seguinte deve procurá-lo novamente para ver como transcorreram as conversas. Ele retorna à pensão e no dia seguinte ambos, Klaus e ele, vão procurar o secretário. Lá eles ficam sabendo que a imperatriz quer falar com eles, com o secretário, Riemann e Klaus.

Exatamente à hora marcada, os três homens estão no jardim. Riemann está nervoso porque sabe que seu filho trabalha em algum lugar por ali. O secretário está nervoso, por não saber o que pode resultar dessa conversa. E também Klaus está preocupado, pois entregou a pedra para Riemann. A imperatriz, porém, está bastante satisfeita com o forma como os envolvidos resolveram a questão e por isso todos devem ser recompensados pela sua honestidade: o secretário deve receber uma função nova e melhor; Klaus deve receber uma área de terras, por ser esse o seu sonho. Ele deve ser o novo vizinho da família Riemann. Enquanto a imperatriz fala da recompensa de Klaus, aproxima-se um grupo de escravos e entre os negros havia um branco, Conrad. A imperatriz e os homens não o percebem por estarem compenetrados na conversa, mas Conrad reconhece seu pai. Ele corre até ele e o

abraça, chorando. A imperatriz não entende o que está acontecendo e por isso pergunta aos outros homens quem é o jovem. Eles contam a trágica história para a senhora enquanto os dois conversam em choro. A história comove a senhora e nesse mesmo instante ela o declara livre. Esta é a maior recompensa que o pai poderia receber. Apesar disso, a imperatriz quer auxiliar o agricultor recém-instalado às margens do Gigitonhonha com material para o trabalho. Esse é um dia fantástico para pai e filho. Agora, finalmente, Conrad pode conhecer a nova terra, pela qual ele deixou a sua terra natal para trás.

Os três outros filhos já estão preocupados em casa, pois o pai já está fora há alguns dias. Ele não compartilhou com eles que pretendia trazer Conrad junto com ele para casa. Finalmente se aproximam três homens ainda muito longe na estrada. Mas quem seriam os três, perguntam-se eles. Klaus, o pai e quem seria o terceiro? Grande é a alegria quando reconhecem o irmão. De alegria nem sabem por onde começar a contar as histórias vividas na nova terra. São tantas as novidades que querem compartilhar com o irmão. Agora, porém, têm tempo suficiente e podem narrar calmamente tudo que já viveram na nova terra.

## 4 Dois aspectos da obra. Breve análise

### 4a A imagem de Brasil dos futuros imigrantes alemães

„Brasilien ist nicht weit von hier, ...“<sup>17</sup> O Brasil não é longe daqui, mais longe, contudo, que os Estados Unidos. Essa frase, verso de uma canção alemã, tinha a função de despertar o interesse dos alemães para o país sul-americano. Além disso, ela soa libertadora em relação à ingrata pátria. No Brasil, pelo menos terão mais oportunidades.

No conto de Amalia Schoppe, a frase chamou a atenção de Riemann, que ouviu um grupo de cerca de oitenta pessoas passar em direção à Holanda, cantando. Ele pergunta:

“Para o Brasil, portanto?”

“Sim, para o Brasil; aqui teríamos que morrer de fome, pois a terra não mais quer nos alimentar; por isso queremos procurar a nossa sorte na terra onde deve haver montões de ouro e prata à plena luz do dia, como muitos nos garantiram. E, também não achando isso lá, pelo menos temos certeza, que há terra suficiente – e em abundância – para pessoas trabalhadoras, e que lá não precisamos morrer de fome.”<sup>18</sup>

O Brasil destaca-se aqui pela imagem de Eldorado, da mesma forma como também foi visto por muito tempo durante o século XIX. Todos os emigrantes procuram seu Eldorado (nesse caso compreendido como uma melhor chance de vida em relação ao país deixado para trás) e, depois que as notícias das primeiras minas de ouro e prata no continente americano ganharam o mundo, “também no Brasil era possível encontrar ouro e prata pelas ruas.”

Os agentes de emigração obviamente tiveram grande interesse na divulgação dessas informações. No conto de Amalia Schoppe, a ação dos agentes de emigração, contudo, não teve maior importância. É interessante a constatação de que os colonos em geral já sabem que, caso não encontrem ouro, eles têm a possibilidade de

trabalhar numa área de terras própria, pois o Brasil ainda dispõe de muita terra desabitada, própria para o trabalho de pessoas que queiram fazê-lo.

O pai da família Riemann compartilha aos filhos as informações sobre as aparentemente boas condições do império brasileiro:

Vocês sabem que o imperador do Brasil oferece apoio às pessoas trabalhadoras, que vierem a seu país para trabalharem a terra, até dá sementes e implementos de trabalho porque o seu grande império não é suficientemente povoado e, além disso, os nativos não têm conhecimento de plantio da terra...<sup>19</sup>

Ao leitor não é informado, contudo, através do texto como Riemann chegou a essas informações. Elas certamente provêm das atividades dos agentes de emigração, que no conto de Schoppe não têm espaço e também não são mencionadas. No texto, o leitor também é informado que nem todas as promessas são cumpridas. Isso é transmitido por um descendente de alemães (deutschstämmige), o secretário do governador no Rio de Janeiro, Dankwart, ao entregar a documentação das terras a Riemann. Nesse momento, Dankwart diz para ele: “providenciem, se vocês tiverem dinheiro, todos os implementos que vocês precisarem para a lavoura assim como o material necessário para a construção da casa, pois senão terão dificuldades porque não lhes é dado nada, nada além da terra.”<sup>20</sup>

A não manutenção de promessas por parte do governo brasileiro também passou a fazer parte da imagem de Brasil no século XIX para futuros emigrantes alemães. Nesse caso, concretiza-se uma imagem negativa do Brasil, principalmente em se tratando o país por seu objetivo de atrair imigrantes. Apesar disso, a imigração cresceu em números.

#### **4b O Brasileiro na visão do imigrante alemão**

O que é um brasileiro, principalmente no século XIX? Ainda hoje constrói-se muitas vezes uma imagem errônea de brasileiro, a qual frequentemente é baseada na imagem construída no período da emigração. Não pretendemos aqui tentar fazê-lo, mas mostrar como é descrito no conto de Amália Schoppe.

No conto de Amália Schoppe, o brasileiro praticamente não desempenha função. Quem é o brasileiro no conto? Na obra, o habitante primitivo, o indígena, não participa da história. Os imigrantes alemães encontram somente portugueses, escravos negros da África e emigrantes europeus, e por isso encontram muitos conterrâneos.

Para a família Riemann estava claro que o princípio no Brasil não seria fácil, principalmente porque não dominavam a língua portuguesa. Isso, contudo, não viria a ser o único problema, pois pelo que estavam informados sobre os brasileiros, nesse país todos pensavam somente nos ganhos, sendo que os meios e os caminhos para se chegar a eles são totalmente indiferentes para as pessoas.<sup>21</sup> Também o narrador já enfatiza esses aspectos negativos antecipadamente, dizendo que já se sabia de experiências deprimentes da ganância dos habitantes desse país e que deles nada existia de amor para o próximo e de amor cristão. Conforme o conto, o habitante nativo, o brasileiro e o português, tratam não somente os escravos de forma

desumana, mas também os estrangeiros; nesse caso, os alemães são tratados de forma pouco amável e com indiferença.

Completamente diferente, contudo, é a realidade, onde trabalha um alemão, por exemplo o secretário Dankwart. O velho Riemann vê como os brasileiros tratam mal as pessoas no escritório. Ele, porém, tem sorte, pois é recebido por um compatriota: “quão sério, mas também amigável ele era! Como ele auxiliava onde podia, como orientava de forma amável as pessoas que haviam se enganado, como ele gostava de dar a informação pedida aos equivocados!”<sup>22</sup>

As dificuldades em que se encontra Riemann por causa do diamante podem ser solucionadas somente pela imperatriz Leopoldine. Somente ela pode tirar os três homens dessa complicada situação, pois como afirma o secretário: “como se sabe a jovem imperatriz é uma alemã, nossa querida conterrânea. Ela ama a sua terra natal e protege, assim como pode, os alemães.”

Em algumas situações, Amalia Schoppe possibilita uma aproximação entre os imigrantes alemães e os brasileiros – no caso não os indígenas, mas “outros brasileiros.” A língua, porém, é sempre o problema para que esse contato se concretize. Na voz do próprio narrador esse aspecto é enfatizado: “vejam crianças, essas são as vantagens que nos possibilita o estudo de línguas estrangeiras, [...] Kaiser Karl V. – se não me engano era esse o príncipe – dizia que uma pessoa que compreendia quatro línguas diferentes valia por quatro, ...”<sup>23</sup>

Contudo, no conto de Amalia Schoppe tudo funciona melhor quando os imigrantes alemães podem se organizar e se entender entre eles. Amalia Schoppe deseja conscientemente, no seu livro publicado em 1828, a não integração dos emigrados com os brasileiros nesse período. É interessante contrastar a conclusão acima com o fato de a produção literária do período da Literatura Alemã denominado Biedermeier tematizar a instrução, a moral cristã e a união da família. Como poderiam os alemães, influenciados pelas correntes de pensamento de sua época, integrar-se com pessoas totalmente diferentes em um mundo diferente, se é muito mais fácil relacionar-se com outros alemães? Muito claramente constata-se a distinção entre os bons alemães e maus brasileiros e portugueses no conto de Amalia Schoppe. Também a idéia de superioridade dos imigrantes alemães ou a perspectiva alemã como única e melhor são destacáveis na obra de Amalia Schoppe.

## 5 Conclusão

O conto *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*, pouco conhecido no Brasil, deve estar mais acessível ao público brasileiro por sua importância para estudos em diversas áreas, não se resumindo sua importância somente à área de Literatura. Temos, nesse conto, uma família alemã encabeçada por um pai muito religioso que emigra para tentar uma vida melhor num país distante da América do Sul. Além desse aspecto, a problemática do trabalho escravo está bastante presente. O fato de o conto ter sido escrito e publicado nos anos vinte do século XIX, por uma mulher, torna-o ainda mais importante.

Concluo que temos aí uma obra importante que merece mais atenção, também na Alemanha, onde o livro estava praticamente inacessível, mas graças à iniciativa da Universidade de Bielefeld foi digitalizado. Aqui no Brasil necessitamos de uma tradução do conto de Amalia Schoppe, a que me dedico no momento. Espero que essa possa ser minha próxima contribuição em relação a essa interessante autora.

## Notas

<sup>1</sup> Trata-se aqui de parte dos resultados da minha pesquisa de doutorado, realizado na Freie Universität Berlin – FU-Berlin – de 2001 a 2004, com bolsa DAAD. A tese foi publicada em forma de livro pela Editora Peter Lang, na Alemanha sob o título *Brasilien ist nicht weit von hier! Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert* (1800 – 1871).

<sup>2</sup> SCHOPPE, A. *Die Auswanderer nach Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha*. Berlin: Verlag der Buchhandlung von C. F. Amelang, 1828.

<sup>3</sup> Ver *Allgemeine Deutsche Biographie*, vol. 32, Berlin 1971, 368-369; *Deutsche Biographische Enzyklopädie*, vol. 9, München 1998, 116; STOLLTE, H.

“Amalie Schoppe. Ein Beitrag zur Beurteilung ihrer Persönlichkeit”. In: *Hebbel Jahrbuch* 1963. Heide in Holstein: Westholsteinische Verlagsanstalt Boyens & Co. 1963, p. 149 – 179; SCHLEUCHER, K. *Das Leben der Amalia Schoppe und Johanna Schoppenhauer*. Darmstadt: Turris-Verlag, 1978.

<sup>4</sup> Ver SCHLEUCHER, K. 1978 e CORTEZ, M. T. “Entre o Bem e o Mal – A representação do Brasil na novela *Die Auswanderer na Brasilien oder die Hütte am Gigitonhonha* de Amalie Schoppe”, in: GROSSEGESSE, Orlando; KOLLER, Erwin; MALHEIRO DA SILVA, Armando and MATOS, Mário (Org.) *Portugal – Alemanha – Brasil. 6. Deutsch-Portugiesisches Arbeitsgespräch. Col. Hespérides, Literatura* 14, vol. 2, Minho: Centro de Estudos Humanísticos, 2003, p. 103 – 120.

<sup>5</sup> Ver *LITERATUR-LEXIKON. Autoren und Werke deutscher Sprache*. Hg. von Walther Killy. vol. 10, Gütersloh: Bertelsmann Lexikon Verlag, 1991, p. 373.

<sup>6</sup> Uma descrição mais detalhada desses conflitos é dada por STOLLTE, H. 1963, p. 149 – 179.

<sup>7</sup> SCHLEUCHER, K. 1978, p. 21.

<sup>8</sup> Ver SCHLEUCHER, K. 1978, p. 24.

<sup>9</sup> Idem, 1978, p. 31.

<sup>10</sup> Ver SCHLEUCHER, K. 1978, p. 33.

<sup>11</sup> Idem, 1978, p. 45 – 49.

<sup>12</sup> Idem, 1978, p. 41.

<sup>13</sup> *Allgemeine Deutsche Biographie*, vol. 32, Berlin 1971, p. 369.

<sup>14</sup> BIHL, L.; EPTING, K. (Org.). *Bibliographie französischer Übersetzungen aus dem Deutschen 1487 – 1944*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1987, vol. 1, p. 321; p. 480-481 e vol. 2, p. 708. Ver também SCHLEUCHER, K. 1978, p. 489 – 496.

<sup>15</sup> SCHLEUCHER, K. 1978, p. 28.

<sup>16</sup> Optamos por manter aqui a forma monetária alemã da época. 1 Taler, uma moeda de prata, equivalia a 3 Marcos do Império.

<sup>17</sup> A frase encontra-se em praticamente todas as obras relativas à emigração alemã para o Brasil, também na obra de Schoppe e Gerstäcker. No Brasil, Flora Süssekind publicou um livro sob o título *O Brasil não é longe daqui. O narrador; a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>18</sup> SCHOPPE, A. 1828, p. 7 – 9.

<sup>19</sup> Idem. p. 12.

<sup>20</sup> Idem. p. 41.

<sup>21</sup> Idem. p. 43.

<sup>22</sup> Idem. p. 115.

<sup>23</sup> Idem. p. 56.

# Das bresilionische Deitsch unn die deutsche Bresilioner: en Hunsrickisch Red fo die Sprocherechte

Cléo V. Altenhofen/Jaqueline Frey

This paper is a contribution of the area of linguistic policies to the discussion of linguistic rights of speakers of minority languages in Brazil. The text, bilingual in Portuguese and Hunsrückisch, one of the varieties of German immigration languages spoken in Brazil, was presented by the authors (as native speakers and translators), in the *Legislative Seminar on Creation of the Book of Language Registers*, organized by the Institute of National Artistic Heritage (IPHAN), Institute of Investigation and Development in Linguistic Policies (IPOL) and Education and Culture Committee of the Chamber of Representatives, in Brasília, on March 2006. The idea of the Book of Languages contributes to the recognition of Brazilian linguistic diversity, represented by approximately 210 languages, from which 180 are autochthonous (indigenous) and around 30 are allochthonous (of immigration). Its recognition as an immaterial (virtual) cultural heritage is seen as an important act in favor of speakers' linguistic rights and against linguistic prejudice that comes along with the use of minority languages in contact with the Portuguese language. This work is inserted in this perspective and it comes along with a supportive bibliography and a map of bilingual areas in the south of Brazil.

**Keywords:** linguistic policy; linguistic rights; immigration languages.

Ich mecht all die, wo hier beisammer sinn, ganz hetzlich begriesse – on east Platz de Coordenador von denne Mesa-Redonda, Deputado Paulo Delgado, die Institutione wie de IPHAN unn de IPOL, wo mit dem Deputado Carlos Abicalil de Plon von dem „Livro das Línguas“ ins Lewe geruf honn, dann ooch die Comissão de Educação e Cultura unn hauptsechlich die Sprecher von de annre Sproche, wo unner de 210, wo ma seht, gebte in Brasílie noch gesproch, die Eher horre, hier sich vorstelle se kenne.<sup>1</sup> Vielmols danke schen fo die Gelechenheit.

Die Sproch, wo ich unn mein Iwersetzer hie von kleen uf von de Eltre unn de Gemeind, wo mea grossgewachs sinn, gelennt honn, wedd von vill Sprecher *Hunsrickisch* genennt. Was is das awer fo Sproch? Unn wie is die Erfoohnis, in so en Sproch mit so en spassige Nome bresilionisch se senn?

Es hannelt sich in dem Fall um en deitsch Varietet, die mit de easte Immigrante von 1824 on vorran in Rio Grande do Sul mitgebrong gebb is unn sich schnell starik unner de Kinner von denne unn de Kinner von de Kinner vebreit hot, in Zeite, wo es

---

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves, 9500 Caixa Postal 15.002, 91540-000 Porto Alegre, RS – Brasil. Telefone: (51) 3316-6790 Fax: (51) 3316-7303. e-mail: [evalten@pro.via-rs.com.br](mailto:evalten@pro.via-rs.com.br)

oft noch kee Bresilionisch- ore sogoo Deitsch-Schul gebb hot. Newig dem *Hunsrickische* gewwe in Brasilie ooch noch annre deitsche Varietete gesproch wie – wolle ma soohn – Pommeronisch, dann Westfelisch (ooch als Sapato de Pau bekannt), Schwebisch, das Platt von de Menonitte, sowie ooch ebbes Bayrische unn Russlanddeitsche, awer wenicher unn de meast in kleene Sprochinsle.

Genn tet ich ooch jede enn von denne annre kleene grosse Sproche wenichstens en bissche spreche unn vestehn, tet mein Vestand unn Seel es packe. Awer ich sinn schon hechst zufriede unn stolz, in zweu Sproche grossgewachs se senn, *Hunsrickisch* unn Bresilionisch, danewe unn villeicht sogoo dodedorich noch Englisch, Hochdeitsch unn ebbes Sponisch gelennt se honn. Deitsch se schreiwe unn se lese, honn ich awer east on de Universitet gelennt. In mein Gemeind in Itapiranga, Santa Catarina, hott's einfach net die Chance gebb, in de Schul Deitsch se lenne – ich menne hiemit Hochdeitsch, was fo uns ooch en Fremdsproch is, grood so wie Englisch unn Sponisch. Bloss die Grosseltre horre noch Deitsch in de Schul in Rio Grande do Sul gehat. Net wenich junge Leit bedaura es desweche, sein Deitsch net benutze se kenne, fo zusetzlich ooch Hochdeitsch se lenne. Manche siehn es kaum on, als en kulturelle Weat. Selebst ich honn on de Universitet in Porto Alegre de east Englisch gelennt.

All die Sproche, wo hier vorgestellt werre, sinn von iwer grosse Weat, weil se Gefühle, Geschichte, Kenntnisse, Culturaz, Bresilioner representeere. Die sinn en *patrimônio cultural imaterial* de fato, wenn ich mich, fo deitlich se spreche, ooch noch ohne Bang mit bresilionische Wetter ausdricke teref. Unn das Interessante is noch, dass die Sproche eene Attikel mitsammer teele: die werre gemeenehand schwer, so gut wie nie, in en Schul gelennt. En Sproch wie das Hunsrickesche lennt ma vor allem dorrich das Lewe – in Familie unn Societate, wenn ach oft noch net mo oerkannt unn sogoo vebot, wenn in Zeite mit Kriech ore Konflikte.

Ich mecht mich desweche mit vollem Hetz nochmo bedanke fo die Gelechenheet iwerhaupt, in mein east Mottersproch, das *Hunsrickische*, hier spreche se terwe. Das is goo net so selebstvestennlich, wenn ma bedenkt, wie oft ma mea unn vill annre Sprecher von so en unoffiziell Sproch in de Schul hauptsechlich vorgeworef hot, ich sollt net Deitsch spreche, ich wea doch in Brasilie, wo ma „nure“ Bresilionisch spreche tet. Ore so Julgamente wie, es wea doch kee richtig Sproch, die tet jo fo nix diene. Noch net mo en Grammatik hett se. Ore noch: die wea kee pur Sproch, es wea en Mistura von Deitsch unn Bresilionisch, wie wenn es iwerhaupt pure Sproche gebt.

Sicher is das *Hunsrickische* in Brasilie starik unn immer meh bresilionisch gebb, awer das macht es doch grood en bresilionisch Sproch, en *patrimônio cultural imaterial* von Brasilie unn sein Geschicht, so wie es om Onfang von de Kolonisierung die Indionersproche mit dem Portugiesische gemacht honn. Das Portugiesische is in Brasilie einfach bresilionisch gebb.

All die Reflexione honn mich schliesslich dazu gebrung, in Porto Alegre on die Universitet se gehn, fo Letras se studeere, unn se vestehn, wie en Sproch iwerhaupt funkioneat, unn was das *Hunsrickische* werklich bedeite tet. Langsam, so wie alles im Lewe, wo ma besser vesteht unn wodriwer ma frei spreche kann, honn ich de Bang vela und Dings ausgekluch iwer en Mottersproch, wo ich vorher mea net vorstelle konnt.

Was ich mit mein Mottersproch heitsches Tooch mache unn was fo weat sie fo mich hot, das bestimme ich. Net dass ich weche de falsche Julgamente mein east Mottersproch, das *Hunsrickische*, ufgewwe unn sogoo vom Gedechtnis wie mit'en



Borrach auswische kann. Ganz im Gcheteel. Das Recht uf en frei Denke unn Sproche kann en Mensch goo net ufgeuwe, sonst is'er tot ore bleibt fo ewig en Escravo. Net umsonst gibt's ooch noch Schreibnome wie Frey, was nix meh wie „livre“ bedeit.

Natealich kann ma net alles ore iwer wenich mit so en Sproch wie *Hunsrickisch*. Ich mache mea kee falsche Vorstellung vor. Bresilionisch wie ooch annre Sproche (Englisch, Hochdeitsch) sinn mea good so important, wenn net meh. Hunsrickisch hot sein eichne Weat unn Gebrauch, wenn nure, fo mit de Motter unn Vater ore Mann unn Froo iwer Dinger von de Familie se spreche, ore kotz sich se veschenne, ohne dass jemand es vesteht, ore noch wenn ma en Parent ore en Amigo dodemit soohn will, dass ma en genn hot, dass ma sich mit dem identifikeat, dass ma sein Kultur onhellt. En Sproch bedeit vill meh wie nure en List Wetter ore Grammatik. Es is ooch en Zeiche fo Identitet, unn hinner jedem Wott vesteckt sich en ganz Geschicht unn hauptsechlich Mensche mit eichnem Denke unn Wille, unn en ganz persenliche Oot, die Welt se beobachte. Hinner jedem Wott kloppt en Hetz, ganz eenfach well Sproche *menschliches Werk* sinn. Wer das vesteht, hat schon lengst rausfun, dass ma bessere Geschefter mache kann unn meh Kunne krieh, wenn ma die Sproch vom annre, dem fremde, kann. Bloss so kann ma sich en besser Gesellschaft hoffe, wenn jeder das Recht hot, sein Mottersproche frei se spreche, wo es sich hingheat. Nimmand kann es vebiete.

Wenn ich jetz hie in Brasília sinn, also im Zentrum von de bresilionisch Politik, in de Câmara dos Deputados, wo ma erwoote tet, tereft ma nure die offiziell Sproch Bresilionisch spreche, frohe ich mich, was do, fo die Wahrheet se soohn, los is unn wieso das mechlich senn kann. Was fo neie Wind geht do? Etwas muss ma dann lowe: So en Gelechenheet is fo alles, was ich bis jetz gesooht honn, en extra Zeiche fo Toleranz, Demokratie, Respekt fo die Unnerschidde, helle Sinn, so dass ma menne kennt, ma tereft werkllich newig dem Bresilionische zweu Mottersproche honn. In unsrem Fall also were das *Hunsrickisch* unn Bresilionisch, well mea alle zweu Sproche mitsammer gelennt honn, wenn ooch en Teel von de Sprecher in manche isoleate Gechende east Bresilionisch geheat honn, wie se in die Schul komm sinn. Wenn ich persenlich soohn sollt, was fo von de zweu Sproche fo mich die sterikst is, unn die ich de east gelennt honn, wisst ich net genau. Desweche finne ich, ich kann jede enn von de zweu wie en Mottersproch, jede enn natealich uf seine Oot. Ma muss awer dazu noch de Status von denne zweu Mottersproche considerere. Die enn is die offiziell Sproch in Brasilie, in denne ma schreiwu unn lese lennt. Die annre wedd bloss gesproch mit de Mitglieder von de Gemeind, zu denne ma geheat. Es is kee offiziell Sproch. Noch net mo geschribb gibt se, wenn ma ach in manche Zeitungge kotze Texte ontrefft, wo enne hauptsechlich humoristisch mit de Sproch umgeht.

Von dem Status von dem *Hunsrickische* henge annre Attikle ab – oft negative – wo ich schon genennt honn. Ich denke, dass de “Livro das Línguas” die important Funktion hot, so Sproche wie das *Hunsrickische* unn die annre 209 Sproche, wo in Brasilie gesproch gewwe solle, als bresilionisch berechticht onseerkenne. Es is desweche en Instrument, fo die Sprochrechte se defendeere.<sup>2</sup>

Natealich honn all die Sproche, wie ich schon sooht, net de selwige Gebrauch unn Funktion wie das Bresilionische. Es sinn hauptsechlich Sproche von de Familie unn von de Gemeind. De “Livro das Línguas” heleft in dem Sinn Stimm se gewwe fo die, wo die meast Zeit ruhig gemacht gebb sinn unn noch gewwe. In dem Sprecher Recht on en Stimm honn, honn die von denne Sproche ooch en

Gelechenheit, sich selwer besser kenneselenne unn sein Sproch nei aussebaue unn aussekluche. Dodemit is de Weg uf, fo das Lenne von anre Sproche, wie, wolle ma soohn, Hochdeitsch unn Bresilionisch. Ma wees doch von de Pesquisas, dass enne, wo sich selest besser kennt, sein eichne Kultur unn Sproch, ooch sich besser desenvolveat als Mensch unn Cidadão, unn so ooch leichter sein Platz in de Gesellschaft find unn kennt.

De “Livro das Línguas”, finne ich, deckt desweche en Realitet uf, wo schreut, fo geheat unn gesiehn se gewwe, unn fo das Recht se honn, seine eichne Bresilionitet se finne unn se desenvolvere. Wenn ma sich die moderne Welt von de Globalisierung iwerleet, kann ma net vestehn, warum sich so ville Sprecher immer noch scheme, so’en Mottersproch se spreche. Awer dodefoa sinn mea jo hier: fo en neie Weg ufsemache, unn fo mehr Licht in das Teel von Brasilie se werfe. Ich bedanke mich. Das woo’s.

### **O alemão brasileiro e o brasileiro alemão: uma fala em *Hunsrückisch* em defesa dos direitos lingüísticos**

Eu gostaria de cumprimentar cordialmente a todos aqui presentes – em primeiro lugar ao coordenador desta mesa-redonda, deputado Paulo Delgado, as instituições como o IPHAN e o IPOL, que concebeu com o deputado Carlos Abicalil a idéia do “Livro das Línguas”, do mesmo modo também a Comissão de Educação e Cultura e, principalmente, também os falantes das demais línguas, que dentre as 210 que se diz ainda são faladas no Brasil, tiveram a honra de poder se apresentar aqui.<sup>3</sup> O meu muito obrigado pela oportunidade.

A língua que eu e minha falante, aqui, aprendemos desde pequenos dos nossos pais e da comunidade, na qual crescemos, é denominada por muitos falantes de *Hunsrückisch*. Mas que língua é essa? E como é a experiência de ser brasileiro numa língua com um nome tão estranho?

Trata-se, nesse caso, de uma variedade do alemão, trazida pelos primeiros imigrantes alemães a partir de 1824 ao Rio Grande do Sul, de onde se difundiu rapidamente entre seus filhos e os filhos dos filhos, em uma época em que não havia nem o ensino de português e até mesmo de alemão. Ao lado do *Hunsrückisch* ainda são faladas no Brasil outras variedades do alemão, como por exemplo, pomerano, vestfaliano (também conhecido como Sapato de Pau), suábio, o alemão dos Menonitas, bem como algo de bávaro e russo-alemão, mas muito pouco e na maior parte em pequenas ilhas lingüísticas.

Com prazer gostaria de também falar e entender pelo menos um pouco de cada uma dessas pequenas grandes línguas, estivesse isso ao alcance de minha razão e alma. Mas já me tomo por muito satisfeito e orgulhoso por ter crescido em duas línguas, *Hunsrückisch* e português, e de, ao lado disso e talvez até em decorrência disso, ter aprendido adicionalmente o inglês, alemão-padrão e algo de espanhol. Escrever e ler em alemão, no entanto, apenas aprendi na universidade. Na minha comunidade, Harmonia (Rio Grande do Sul), assim como na comunidade da falante, em Itapiranga (Santa Catarina), infelizmente não havia a oportunidade de aprender alemão na escola – aqui me refiro ao *Hochdeutsch*, alemão-padrão, que para nós também pode ser visto como uma língua estrangeira, da mesma maneira que o são o inglês e o espanhol. Somente os avós ainda tiveram ensino de alemão na escola, no Rio Grande do Sul. Por isso, não poucos jovens lamentam o fato de não poderem utilizar seu alemão para aprenderem adicionalmente também o alemão-padrão.

Alguns nem o vêem como um valor cultural. Mesmo eu estudei primeiro o inglês na universidade em Porto Alegre.

Todas as línguas, que aqui estão sendo apresentadas, são de enorme valor, pois representam sentimentos, histórias, conhecimentos, culturas, brasileiros. Elas são um *patrimônio cultural imaterial* de fato, se também posso, para ser mais claro, também me expressar sem medo com palavras do português. E o mais interessante é que essas línguas compartilham um aspecto: elas dificilmente, para não dizer que nunca, são ensinadas e aprendidas numa escola. Uma língua como o Hunsrückisch aprende-se sobretudo pela vida em família e na sociedade, mesmo que às vezes nem seja reconhecida e até proibida, como em épocas de guerra ou conflitos.

Por isso, gostaria de agradecer novamente de todo coração pela oportunidade recebida de poder aqui falar em minha primeira língua materna, o Hunsrückisch. Isso sequer pode ser visto como algo óbvio, se pensarmos, quantas vezes nós e muitos outros falantes de uma língua não-oficial fomos repreendidos, principalmente na escola, de que não falássemos alemão, porque estávamos no Brasil, onde só se deveria falar português. Ou julgamentos tais como o de que não se tratava de uma língua de fato, que não servia para nada. De que nem mesmo uma gramática ela tinha. Ou ainda: que não era uma língua pura, que era uma mistura de alemão e português, como se realmente existissem línguas puras.

Sem dúvida, o Hunsrückisch no Brasil tornou-se fortemente e sempre mais brasileiro e aportuguesado, mas é isso que o torna justamente uma língua brasileira, um *patrimônio cultural imaterial* do Brasil e de sua história, assim como o fizeram as línguas indígenas com o português, no início da colonização. O português, no Brasil, simplesmente tornou-se brasileiro, ficou brasileiro.

Todas essas reflexões me levaram por fim à universidade em Porto Alegre, para estudar Letras e tentar entender como uma língua na verdade funciona, e o que o Hunsrückisch realmente significava. Aos poucos, como acontece com tudo na vida, que se passa a compreender melhor e sobre o qual se pode falar livremente, perdi o medo e descobri coisas sobre uma língua materna que antes eu não podia imaginar.

O que faço hoje em dia com minha língua materna e o valor que ela tem para mim, reservo a mim o direito de decidir. Não é por causa dos falsos julgamentos que eu vou abrir mão da minha língua materna, o Hunsrückisch; nem pretendo apagá-la com uma borracha da memória. Bem ao contrário. O ser humano não pode abrir mão do direito e liberdade de pensamento e de expressão, senão ele está morto ou permanece para sempre um escravo. Não é à toa que ainda existem sobrenomes como Frey, que significa, nada mais, nada menos, que “livre”.

Evidentemente, não se pode tudo ou quase nada com uma língua como o Hunsrückisch. Não alimento falsas ilusões. O português, assim como outras línguas (inglês, alemão) são para mim igualmente importantes, senão mais. O Hunsrückisch tem seu próprio valor e utilidade, mesmo que seja apenas para falar com a mãe e o pai, o marido e a esposa sobre coisas da família, ou se xingar brevemente sem que alguém outro o entenda, ou ainda quando se quer dizer com isso a um parente ou um amigo que se gosta dele, que a gente se identifica com ele, que se aceita sua cultura. Uma língua significa muito mais do que uma lista de palavras ou regras gramaticais. É também um sinal de identidade, e atrás de cada palavra esconde-se uma história inteira e, principalmente, seres humanos com pensamentos e vontades próprios e uma maneira toda pessoal de observar o mundo. Atrás de toda palavra bate um coração, simplesmente porque as línguas são obras humanas. Quem entende isso, há tempo já descobriu que se pode fazer melhores negócios e conquistar mais clientes,

quando se sabe a língua do outro, do desconhecido, do estrangeiro. Somente assim se poderá desejar uma sociedade melhor, se cada um tiver o direito de falar a sua língua materna livremente, como deve ser. Ninguém pode proibir isso.

Se eu agora estou aqui em Brasília, no centro da política brasileira, na Câmara dos Deputados, onde se esperaria se pudesse falar apenas a língua portuguesa, pergunto-me, para dizer a verdade, o que está acontecendo e como isso pode ser possível. Que ventos novos estariam soprando? Uma coisa é preciso elogiar: esta é uma oportunidade que, por tudo que já falei até agora, representa um sinal exemplar de tolerância, democracia, respeito à diferença e lucidez, de modo que se pode pensar realmente que é possível ter, ao lado do português, duas línguas maternas. Em nosso caso, portanto, essas línguas seriam o Hunsrückisch e o português, porque aprendemos as duas línguas simultaneamente, mesmo que em localidades isoladas alguns dos falantes tenham ouvido o português pela primeira vez, quando entraram na escola. Se eu tivesse que dizer pessoalmente qual das duas línguas é mais forte para mim e qual eu aprendi primeiro, não saberia com exatidão. Por isso, me parece que cada uma das duas é como uma língua materna, cada uma, evidentemente, à sua própria maneira.

É preciso, por isso, considerar também o status dessas duas línguas maternas. Uma delas é a língua oficial do Brasil, na qual se aprende a ler e a escrever. A outra é somente falada, com os integrantes da comunidade à qual se pertence. Não é uma língua oficial. Ela não é nem mesmo escrita, mesmo que se encontre, em alguns jornais, textos breves tratando normalmente essa língua de forma humorística.

Dependem do status do Hunsrückisch também outros aspectos – muitas vezes negativos – que já mencionei. Penso que o “Livro das Línguas” tem a importante função de, acima de tudo, reconhecer como brasileiras essas línguas como o Hunsrückisch e mais outras 209 línguas que são faladas no Brasil. É, por isso, sobretudo, um instrumento de defesa e afirmação dos direitos lingüísticos dos cidadãos.

Evidentemente, como já disse, o Hunsrückisch não têm o mesmo uso e função que possui o português. Trata-se, principalmente, de uma língua da família e da comunidade. O “Livro das Línguas” ajuda, nesse sentido, a dar voz a essas línguas que, na maioria das vezes, foram silenciadas, e ainda o são. Na medida em que os falantes expressam seu direito a uma voz, esses falantes também recebem uma oportunidade de se conhecerem melhor e de redescobrir e reconstruir sua língua novamente. Com isso, abre-se o caminho para a aprendizagem de outras línguas, como, por exemplo, alemão-padrão e português. Afinal, o que se sabe das pesquisas é que um indivíduo que se auto-conhece, sua própria língua e cultura, também se desenvolve melhor como pessoa e cidadão e, assim, mais facilmente encontra e conhece seu lugar na sociedade.

O “Livro das Línguas”, penso eu, descenda assim uma realidade que grita para ser escutada e vista, e para ter o direito de encontrar e desenvolver sua própria brasilidade. Quando se reflete sobre o mundo moderno da globalização, não se consegue entender, por que tantos falantes ainda se envergonham de falar essa língua materna. Mas para isso é que estamos aqui: para abrir um caminho, e para lançar *mais luz* (*mehr Licht*) sobre essa parte do Brasil. Muito obrigado. Era isso.

**Informationsmaterial fo wer meh iwer das *Hunsrückische* wisse mecht /  
Informações para quem busca saber mais sobre o *Hunsrückisch***

**1 Texte uff *Hunsrückisch* / Textos em *Hunsrückisch***

FLACH, José Inácio. *Unsa gut deitsch Kolonie*. Nova Petrópolis: Sociedade União Popular Theodor Amstad, 2004.

GROSS, Alfredo. *Hunsrücker Mundart* in Brasilien. Dialektgedichte und Schriften in deutscher und portugiesischer Sprache. Porto Alegre : S.e., 2001.

MÜLLER, Telmo Lauro. *História da imigração alemã para crianças*. Porto Alegre : EST; Correio Riograndense, 1996. [edição trilingüe português-alemão-dialetu Hunsrückisch]

RAMBO, Pe. Balduino. *O rebento do carvalho: contos dialetais* (1937 a 1961). Trad. Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo (RS) : Ed. UNISINOS, 2002. v. 1-2.

Coluna *Der Friedolin*, no jornal Correio Rio-Grandense, de Caxias do Sul – RS.

Coluna *Deutsche Sprache*, no jornal O Informativo, de Lajeado – RS.

Coluna no jornal semanal *Primeira Hora*, de Bom Princípio – RS.

Coluna *Hunsrücker aus Rondon*, no jornal Evangelische Zeitung, editado em Porto Alegre (?).

Textos em Hunsrückisch no *Brumbär-Kalender*, editado entre 1931 e 1935, em Arroio do Meio - RS, por Alfons Brod, e que se constituía prioritariamente de textos – poemas e contos – de cunho humorístico.

Textos no *Familienkalender*, almanaque anual editado em Porto Alegre – RS.

Textos em Hunsrückisch no *Sankt Paulusblatt*, periódico mensal editado pela Sociedade União Popular Theodor Amstad, em Nova Petrópolis – RS.

**2 Dicionaria fo Pesquisas iwer die Wetter / Dicionários para a pesquisa lexicográfica**

CONRATH, Karl: *Die Volkssprache der unteren Saar und der Obermosel. Ein moselfränkisches Wörterbuch*. Gießen : Schmitz, 1975.

CRECELIUS, Wilhelm. *Oberhessisches Wörterbuch. Aufgrund der Vorarbeiten WEIGANDS, DIEFENBACHS und HAINEBACHS sowie eigner Materialien*. Bearbeitet im Auftrag des Historischen Vereins für das Großherzogtum Hessen. 2 Bde. Darmstadt, 1897-1899. Neudruck. Wiesbaden, 1966.

CHRISTA, Peter. *Wörterbuch der Trierer Mundart*. Honnef : Verlag des Verfassers, 1927/28.

DicAur = FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1999.

DicHouaiss = HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro : Objetiva, 2001.

DIENER, G. Walter. *Hunsrücker Wörterbuch*. Niederwalluf : Sändig, 1971.

DWb = *Deutsches Wörterbuch von Jakob GRIMM & Wilhelm GRIMM*. [Ab Bd. 4 bearb. von J. GRIMM; K. WEIGAND & R. HILDEBRAND et al. 16 vol. Leipzig, Hirzel, 1854-1954. <http://germazope.uni-trier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/>

PfWb = *Pfälzisches Wörterbuch*. Begründet von Ernst CHRISTMANN, fortgeführt von Julius KRÄMER, bearbeitet von Rudolf POST unter Mitarbeit von Sigrud

BINGENHEIMER und Josef SCHWING. Wiesbaden, Steiner, 1976-1980. (<http://germazope.uni-trier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/>)  
RhWb = *Rheinisches Wörterbuch*. Im Auftrag der preußischen Akademie der Wissenschaften, der Gesellschaft für rheinische Geschichtskunde und des Provinzialverbandes der Rheinprovinz. Auf Grund d. v. J. FRANCK begonnenen, von allen Kreisen d. Rheinischen Volkes unterstützten Sammlung. Bearb. u. hrsg. von Josef MÜLLER. 9 v. Bonn : Klopp, v. 1, 1928. v. 2ss. Berlin, 1931-1971. (<http://germazope.uni-trier.de/Projects/WBB/woerterbuecher/>)

### 3 Teses unn Dissertatione iwer de Kontakt Deutsch-Bresilionisch / Teses e Dissertações sobre o Contato Alemão-Português

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *A aprendizagem do português em uma comunidade bilingüe do Rio Grande do Sul. Um estudo de redes de comunicação em Harmonia*. (Dissertação de Mestrado.) Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990. [Orient. Prof. Dr. Walter Koch]

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart : Steiner, 1996. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; 21.) [Orient. Prof. Dr. Günter Bellmann]

AULER, Maria Luisa E. *O code switching no discurso bilingüe em Ivoti, RS*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo (RS) : Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, 2002.

BARANOW, Ulf Gregor. *Studien zum deutsch-portugiesischen Sprachkontakt in Brasilien*. (Diss. masch.) München : Ludwig Maximilian-Universität München, 1973.

BREUNIG, Carmen Grellmann. *A alternância de código como pedagogia culturalmente sensível nos eventos de letramento em um contexto bilingüe*. (Dissertação de Mestrado.) Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG-Letras, 2005. [Orient. Profa. Dra. Ana Maria Stahl Zilles]

DAMKE, Ciro. *As interferências do alemão como língua materna na aprendizagem do português*. (Diss. Mestrado.) Porto Alegre : UFRGS, 1988. [Orient. Prof. Dr. Margot Levy Mattoso]

DAMKE, Ciro. *Sprachgebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien*. Frankfurt a. M.; Berlin; Bern; New York; Paris; Wien : Lang, 1997. (Europäische Hochschulschriften: Reihe 21, Linguistik; 190.) [Orient. Prof. Dr. Klaus Mattheier]

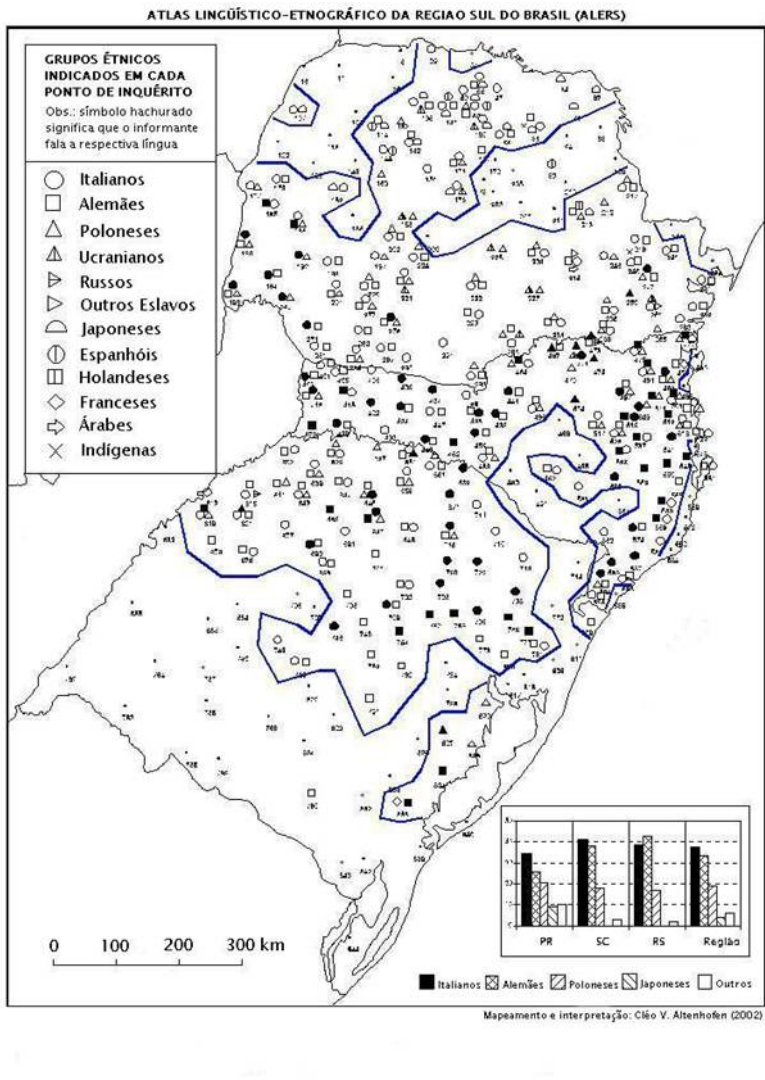
DOLL, Johannes. *A implantação e o aproveitamento de um currículo bilingüe: uma pesquisa-ação*. Diss. Mestrado. Porto Alegre : UFRGS/FACED, 1994. [Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera]

DÜCK, Elvine Siemens. *Witmarsum, uma comunidade trilingüe: Plautdietsch, Hochdeutsch e português*. Curitiba : UFPR / PPG-Letras, 2005. [Orient. Profa. Dra. Odete Menon]EMMEL, Ina. "Die kann nun nich', die is' beim treppenputzen!". O progressivo no alemão de Pomerode – SC. Tese de Doutorado. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina; PPG-Lingüística, 2005. [Orient. Profa. Dra. Roberta Pires de Oliveira]

- HENNES, Maria Cristina. *A interferência fonológica de um dialeto alemão no português*. Diss. Mestrado. Porto Alegre: PUCRS; PPG-Letras, 1979. [Orient. Prof. Dr. Fernando José da Rocha]
- HILGEMANN, Clarice. *Mitos e concepções lingüísticas do professor em contextos multilíngües*. Diss. Mestrado. Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. [Orient. Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen]
- JUNG, Neiva Maria. *Identidades sociais na escola: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngüe*. Tese de Doutorado. Porto Alegre : Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG-Letras, 2003. [Orient. Prof. Dr. Pedro M. Garcez]
- KAHMANN, Christa Ingrid. *Interferência da língua portuguesa em um dialeto alemão*. Diss. Mestrado. Florianópolis : UFSC, 1987.
- KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento lingüístico na percepção da comunidade plurilíngüe alemão-italiano-português de imigrantes – RS*. Diss. Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG-Letras, 2004. [Orient. Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen]
- MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. *O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania*. Diss. Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. [Orient. Prof. Dr. Werner Heidermann]
- PEREIRA, Maria Ceres. *Naquela comunidade rural, os adultos falam “alemão” e “brasileiro”. Na escola, as crianças aprendem o português: um estudo do continuum oral/escrito em crianças de uma classe biseriada*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1999. [Orient. Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti]
- PICHL, Klaus. *Morphosyntaktische Besonderheiten der deutschen Schriftsprache in Brasilien als Folge des deutsch-portugiesischen Sprachkontakts dargestellt anhand zweier in Brasilien erscheinender deutschsprachiger Zeitungen*. (Diss. masch.) Augsburg : Univ. Augsburg, 1983.
- SAMBAQUY-WALLNER, Virginia. *Das Deutsche in Rio Grande do Sul*. (masch. Magisterarbeit.) München : Ludwig Maximilian-Universität München, 1995. v. 1-2.
- SOUZA, Esther Zink de. *Processos de interferência lingüística entre o português e o alemão*. Diss. Mestrado. Campinas : UNICAMP, 1976. [Orient. Prof. Dr. Jürgen Heye]
- SPINASSÉ, Karen Pupp. *Deutsch als Fremdsprache in Brasilien. Eine Studie über kontextabhängige unterschiedliche Lernersprachen und muttersprachliche Interferenzen*. Frankfurt a.M. : Peter Lang, 2005. (Werkstattreihe Deutsch als Fremdsprache; 79.) [Orient. Prof. Dr. Ulrich Steinmüller]
- STEINER, Maria Eliane Estivalét. *O bilingüismo em áreas urbanas de colonização alemã: um estudo em Jaraguá do Sul*. Diss. Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1988. [Orient. Prof. Dr. Paulino Vandresen]
- SULZBACH, Luciana. *Eine empirische Untersuchung zweier Varietäten des Brasildeutsch*. Tese de Doutorado. Hannover : Universität Hannover; Fakultät für Geistes- und Sozialwissenschaften, 2004. [Orient. Prof. Dr. Wolfgang Sauer]
- TORNQUIST, Ingrid Margareta. *„Das hon ich von meiner Mama“ – zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul*. Umeå : Umeå University, 1997. (Acta Universitatis Umensis, Umeå Studies in the Humanities; 137.)
- UFLACKER, Cristina Marques. *As identidades negociadas na aula de alemão em ações que envolvem falantes de dialetos*. Diss. Mestrado. Porto Alegre :

- Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG-Letras, 2006. [Orient. Profa. Dra. Margarete Schlatter]
- VANDRESEN, Paulino. *Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna. Tese Livre Docência*. Porto Alegre : PUCRS, 1970.
- VON BORSTEL, Clarice Nadir. *Aspectos do bilingüismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon – Paraná – Brasil*. Diss. Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1992. [Orient. Prof. Dr. Paulino Vandresen]
- ZIEGLER, Arne. *Deutsche Sprache in Brasilien. Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brasilianer in Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. Bochum, Univ. Bochum, 1996.
- ZIMMERMANN, Ivo. *Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa*. Diss. Mestrado. Florianópolis : UFSC, 1981.





<sup>1</sup> Das letzte Mol, wo ma in en Censo vom IBGE noh „anre Sproche, wo ausser Bresilionisch dehemm gesproch gewwe“, gefroh hot, woo 1940/1950. Meh dezu in:

IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estudos sôbre as línguas estrangeiras e aborígenes faladas no Brasil*. Rio de Janeiro : Serviço Gráfico do IBGE, 1950. (Estatística cultural; 2.)

MORTARA, Giorgio. *Immigration to Brazil: some observations on the linguistic assimilation of immigrants and their descendents in Brazil*. In: Cultural Assimilation of Immigrants. Supplement to Population Studies. London / New York, Cambridge University Press, 1950. p. 39-44

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Gilvan Müller de (org.). *Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos: novas perspectivas em política lingüística*. Campinas (SP) : Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); Florianópolis : IPOL, 2003.

<sup>3</sup> A última vez em que se perguntou sobre „outras línguas faladas no lar além do português” foi no Censo do IBGE em 1940/1950. Mais a respeito em:

IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estudos sôbre as línguas estrangeiras e aborígenes faladas no Brasil*. Rio de Janeiro : Serviço Gráfico do IBGE, 1950. (Estatística cultural; 2.)

MORTARA, Giorgio. *Immigration to Brazil: some observations on the linguistic assimilation of immigrants and their descendents in Brazil*. In: Cultural Assimilation of Immigrants. Supplement to Population Studies. London / New York, Cambridge University Press, 1950. p. 39-44

# Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil

**Karen Pupp Spinassé**

As linguist, we always have to deal with terms like First, Second and Foreign Languages, but many times we don't notice, how peculiar they are and how specific and difficult are their definitions. In Brazil, we have peculiar situations of immigrant languages, which are spoken in some groups of people in some communities in their day-by-day. There is much controversy related to the denomination we give to these linguistic varieties, what concerns its status and its relationship with the other neighbor or concurrent varieties.

In this paper, we intend to discuss theoretically the terms above, transporting the denomination and its application to the reality of some bilingual communities from Rio Grande do Sul, in which people speak minority languages of Germanic origins. On the basis of empirical tests, we aim to give here a profile of the socio linguistic situation of these minority varieties what concerns its speakers, the foreign language teachers (specially of the High-German) and the community in general.

**Keywords: immigrant language, minority language, linguistic contact, bilingualism**

## 1 Introdução

Como lingüistas, confrontamo-nos freqüentemente com os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira, muitas vezes sem nos darmos conta, de quão peculiares são esses termos e de quão específicas e difíceis são suas definições. A eles estão ligados outros tantos conceitos e pressupostos, como a própria definição do que é língua e a reflexão metodológica do ensino de uma língua.

Temos, no Brasil, situações peculiares de línguas de imigração, que são faladas por determinados grupos de pessoas em determinadas comunidades no seu dia-a-dia. Há ainda controvérsia em relação à denominação que se dá a essas variedades lingüísticas, no que diz respeito ao seu status e no que diz respeito à sua relação com outras variedades lingüísticas vizinhas, ou mesmo, concorrentes.

Prendemos, nesse artigo, comentar os conceitos acima citados, aplicando à realidade de comunidades bilíngües do Rio Grande do Sul onde se falam variantes alóctones de base germânica. Com base em testes empíricos feitos com alunos bilíngües de escolas da região, aliados às observações e constatações que puderam ser feitas ao longo das pesquisas de doutorado da autora, visamos a dar um breve

---

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS; Brasil. Fax: 0055 51 3308 7303; Tel: 0055 51 3308 6709; e-mail: spinasse@ufrgs.br*

perfil da situação sociolinguística dessas variedades minoritárias no que concerne aos seus falantes, aos professores do alemão-padrão e à comunidade em geral. Para tanto dividimos o texto em 3 partes, a saber:

- 1 - A motivação para reflexões sobre esse tema
- 2 - A questão histórica das línguas alóctones no que diz respeito à sua aquisição por parte de falantes
- 3 - Os conceitos teóricos propriamente ditos e sua aplicabilidade

## 2 Motivação

Em minha tese de doutorado, publicada sob o título “Deutsch als Fremdsprache in Brasilien: Eine Studie über kontextabhängige unterschiedliche Lernersprachen und muttersprachliche Interferenzen”<sup>1</sup>, foi trabalhado, de forma geral, o aprendizado escolar do alemão como língua estrangeira no Brasil. Especificamente, contudo, procurou-se questionar a influência da língua materna, o que apontou para as diferenças no processo de aprendizado em regiões e contextos diferentes no Brasil. Problemas linguísticos na língua-alvo de alunos de certas regiões do sul do Brasil se diferenciavam, consideravelmente, dos problemas apresentados por alunos de outras regiões do país.

Procuramos, a partir disso, pesquisar essas questões da interlíngua, comparando a produção de alunos de duas escolas selecionadas do estado do Rio Grande do Sul – Colégio Teutônia, em Teutônia, e o Instituto de Educação Ivoti, em Ivoti – e de alunos de uma escola na cidade do Rio de Janeiro (Colégio Cruzeiro). A diferença básica que se pôde perceber entre esses dois contextos pesquisados e entre os dois tipos de alunos analisados, é o fato de que os alunos do Rio Grande do Sul eram, em sua maioria, bilíngües, ou seja, além do português, eles possuíam uma outra língua materna. Tínhamos como foco, então, averiguar até que ponto a(s) língua(s) materna(s) realmente influencia(m) o processo de aprendizado, tendo também na comparação um fator metodológico.

Foram realizados testes empíricos e entrevistas<sup>2</sup> nas três escolas que, apesar de estarem em contextos diferentes, apresentavam características bem semelhantes. As três oferecem o alemão-padrão como primeira língua estrangeira no currículo obrigatório – na maioria das vezes já a partir do jardim da infância. Além disso, todas essas três instituições privadas têm um grande número de alunos e são escolas muito bem consideradas em seus contextos específicos. Seus professores tiveram uma formação semelhante e utilizavam na época das pesquisas o mesmo material escolar (Wer, Wie, Was) – sendo o método também semelhante (método comunicativo com perguntas indutivas, ênfase na gramática, aulas alternando entre o português e o alemão...).

Todos os alunos analisados são brasileiros e começaram a aprender o Hochdeutsch (alemão-padrão) na escola, sem manter qualquer outro contato com essa variedade da língua fora da escola e nem ter ido à Alemanha. Eles declararam ainda gostar de aprender a língua, por diferentes motivos.

O único fator, que à primeira vista pôde ser analisado como diferença entre as três escolas, foi a situação bilíngüe desses alunos das escolas do Rio Grande do Sul. Enquanto os alunos do contexto do Rio de Janeiro possuíam apenas o português como língua materna, os alunos entrevistados no contexto sulino falavam além do português, uma variante linguística de base germânica, chamada cientificamente, entre outros, de “hunsrückisch”<sup>3</sup>.

Durante as pesquisas empíricas e teóricas, porém, vimo-nos confrontados muitas vezes com uma questão apontada por autores e estudiosos em geral: “Seria o Alemão uma Língua Estrangeira para esses alunos do Sul do Brasil”? A questão despertou-nos a atenção, por até mesmo nós já termos tido essa visão, reavivando em nós as conhecidas crenças a respeito dos falantes de hunsrückisch no contexto do ensino de alemão-padrão, onde se acredita que eles seriam melhores professores, por serem falantes nativos. A hipótese, muitas vezes, era de que o alemão-padrão seria, se não Língua Materna, no máximo uma Segunda Língua.

Entretanto, algo parecia não se adequar nesse ponto de vista. Procuramos, então, conceitos e argumentos para tentar classificar as línguas em questão no contexto citado. Estudamos o processo de variação lingüística sofrido pela língua minoritária citada, pesquisamos e analisamos os conceitos teóricos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e buscamos, também na história, indícios relevantes para uma melhor definição dos papéis exercidos pelas línguas.

Por isso, antes ainda dos conceitos teóricos, gostaríamos de enfatizar, rapidamente, a questão histórica.

### 3 Resumo Histórico

Não é necessário que nos aprofundemos muito na questão histórica, mas é interessante dar uma pequena visualizada no processo sofrido pelas línguas de imigração no Brasil, para contextualizá-las.

Já é sabido que alemães de várias regiões emigraram para o Brasil no século XIX em busca de uma vida melhor, e, a grande maioria, sem intensão de retorno.<sup>4</sup> Todo um processo evolutivo, porém, teve de ser percorrido, sobretudo no que diz respeito às comunidades rurais, até que houvesse uma integração de fato na sociedade brasileira.<sup>5</sup> O isolamento foi uma realidade no início desse processo, atpor não haver outros grupos de pessoas em torno das regiões onde eram assentados.

Como os próprios imigrantes organizavam sua estrutura social, ou seja, escolas, igrejas, casas de comércio, clubes..., dificilmente a língua portuguesa entrava na colônia, não aparecendo muitas vezes nem na escola, já que o professor era um dos colonos. Da mesma forma, os cultos religiosos nas comunidades eram em alemão, já que o pastor também era um dos imigrantes ou um alemão vindo especialmente para isso.<sup>6</sup> Eles praticamente não precisavam sair da colônia, pois tinham tudo o que eles precisavam para a vida dentro dessa “ilha lingüística”.

Especialmente na primeira fase, as colônias eram semelhantes a “ilhas”. Essa realidade contribuiu para que as variedades lingüísticas alemãs se desenvolvessem de maneira forte e se mantivessem presentes nas comunidades, embora não houvesse mais, por parte da grande maioria, nenhuma ligação com a Alemanha.

Os moradores dessas comunidades, porém, geralmente não vinham dos mesmos lugares no território alemão. Havia entre eles prussianos, pomeranos, austríacos, suíços, renanos, bávaros etc, que trouxeram consigo seus respectivos dialetos, que entraram em contato entre si. Apesar da existência de um alemão-padrão relativamente bem dissimulado, as variações lingüísticas de uma região para a outra eram muito grandes.

Em comunidades linguisticamente heterogêneas – que eram em maior número –, a variante da maioria geralmente se impunha. Nas regiões das escolas pesquisadas, foi esse o caso. A maioria dos imigrantes que colonizaram Teutônia e Ivoti vinha da região mais pobre da Alemanha naquela época, a região do Hunsrück, e sua língua

materna era o dialeto francônio-renano.<sup>7</sup> Todos os moradores dessas colônias estudadas, mesmo provenientes de outras regiões, passavam a falar o dialeto em questão por “imposição” (natural) da maioria.

Além dessa primeira interseção de elementos lingüísticos, inevitável devido ao contato de dialetos, as línguas chegadas no Brasil passaram ainda por mais três outros fenômenos: os empréstimos da língua local e de outras línguas de imigrantes, os estrangeirismos adotados e, sobretudo, o processo de variação natural a todas as línguas vivas em seu desenvolvimento ao longo dos anos – que se diferiu da evolução das “mesmas” variantes em solo alemão, vide o português brasileiro e o português europeu.

O resultado proveniente desse tipo de processo, que se deu não só nas comunidades de base de hunsrückisch, mas também em comunidades de base do westfaliano, do pomerano etc, são as variantes dialetais locais, as também chamadas “línguas mistas”, de base germânica, mas genuinamente brasileiras.

No grupo de pesquisa ESCRITHU, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que prevê fundamentos para uma escrita do hunsrückisch falado no Sul do Brasil, temos discutido também essa questão: não se pode negar a origem, a base germânica que o hunsrückisch, o westfaliano e o pomerano, por exemplo, trazem em seu corpus. Por isso, em se tratando de corpus, elas são línguas “alemãs”, ou no mínimo, como dissemos, de base germânica. Todavia, não se pode negar também o fato histórico de que, se não tivesse havido a imigração, todo esse processo não teria sido possível. Ele só ocorreu dessa forma, porque foi em solo brasileiro, sob as condições descritas, com empréstimos do português etc. Por esse ponto de vista, ou seja, do ponto de vista histórico, essas variedades são brasileiras – tanto que deverão constar no Livro das Línguas do Brasil, livro que visa a registrar as línguas brasileiras, que constituem patrimônio imaterial brasileiro – como essas de base germânica.<sup>8</sup>

Concluindo, portanto, que hunsrückisch e alemão-padrão não seriam – apesar do íntimo parentesco e da inegável base – a mesma língua, como classificá-las no contexto dos falantes?

#### 4 Os conceitos

Diferentemente dos conceitos “Segunda Língua” e “Língua Estrangeira”, o conceito “Língua Materna” é tratado, pela maioria dos autores, como uma denominação um tanto óbvia. Esse deve ser realmente de mais fácil denominação que os outros, porém pouco se encontram definições para o termo. Uma descrição simples e direta, contudo antiga, encontrada nas pesquisas foi a de MUES (1970) no livro *Sprache: Was ist das?* (“Língua: o que é isso?”): “Muttersprache ist die Sprache, die jeder Mensch als erste lernt und die somit die Grundlage seines Menschwerdens ist”.

Essa definição é um tanto antiga e, por isso, cheia de lacunas, mas apresenta dois fatores importantes: a justaposição com o conceito “Primeira Língua” e o fator identitário que carrega – a pessoa se identifica de alguma forma com a Língua Materna. A aquisição da Primeira Língua, ou da Língua Materna, é uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência lingüística se adquirem também os valores pessoais e sociais. A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia.

A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através do país, e também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos lingüísticos e não-lingüísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilingüismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1.

A título de ilustração: uma criança nasce e cresce na Alemanha, filha de um francês com uma colombiana. Se com cada um dos pais ela se comunica nas suas línguas respectivas, e na creche, na rua, com os amigos e vizinhos o alemão é a língua diária, essa criança tem, claramente, três línguas maternas: francês, espanhol e alemão. A ordem, nesse caso, não interessa muito, pois "... auch eine leichte Verspätung bei dem Erwerb einer Sprache bis in das 2. und 3. Lebensjahr gilt noch als ‚gleichzeitiger‘ Erwerb, denn die relative Verspätung wird in der Regel rasch aufgeholt”.

De forma geral, contudo, a caracterização de uma Língua Materna como tal só se dá se combinarmos vários fatores e todos eles forem levados em consideração: a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia-a-dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor status para o indivíduo, a que ele melhor domina, língua com a qual ele se sente mais a vontade... Todos esses são aspectos decisivos para definir uma L1 como tal.

Se a criança citada acima, agora com 5 anos de idade, se muda para a Inglaterra e começa a adquirir o inglês para poder comunicar-se bem e integrar-se, enquanto ele estiver na Inglaterra, teríamos um caso de Segunda Língua.

A L1 é caracterizada pelo fato de que a criança a aprende “scheinbar mühelos, allmählich und automatisch im Einklang mit der geistigen und körperlichen Entwicklung erwirbt”. A aquisição de uma Segunda Língua (L2 ou SL), por sua vez, se dá, quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a(s) sua(s) L1, ou seja, quando ele já está em um estágio avançado da aquisição de sua Língua Materna.

Segundo uma velha teoria neurolingüística, defendida e difundida principalmente por LENNEBERG (1967), deve haver um determinado espaço temporal, no qual a aquisição ocorre de forma mais fácil e mais eficaz. O chamado “período crítico” (critical period) estaria ligado ao desenvolvimento do cérebro e ao processo de lateralização. O seu encerramento seria também o encerramento desse período. Durante esse período, qualquer língua adquirida teria o status de L1.

A teoria, no entanto, não se comprovou, pois não se conseguiu demonstrar que seria mais fácil aprender uma língua de forma geral antes da puberdade, nem determinar quando começaria e quando terminaria o período crítico.

Afirma-se, de forma geral, que línguas adquiridas ainda cedo são dominadas como L1 – mas desde que aquelas desempenhem uma função semelhante à desta. Se a criança citada acima, que aprendeu o inglês como Segunda Língua na Inglaterra passa muitos anos no país – ou seja, a língua desempenha mais do que um papel de integração social e se torna uma língua diária, importante para se viver, detentora de características identitárias, e o indivíduo a domina como um nativo –, embora tenha

havido originalmente um processo de aquisição de SL, temos agora um caso de língua materna. Ou seja, o status de uma língua pode, ocasionalmente, se modificar.

É sabido, que uma segunda língua não é necessariamente uma segunda, no sentido de que haverá uma terceira, uma quarta, e assim por diante. “Segunda” está para “outra que não a primeira (a materna)”, e a ordem de aquisição se torna irrelevante – desde que não se trate de mais uma L1. Dependendo de como a língua foi adquirida, ela pode ser classificada de uma forma ou de outra.

Diferenciando, porém, do conceito de Língua Estrangeira (LE), uma Segunda Língua é uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização. A situação tem que ser favorável: um novo meio, um contato mais intensivo com uma nova língua que seja importante para a comunicação e para a integração social. Para o domínio de uma SL é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade.

A aquisição de uma Segunda Língua e a aquisição de uma Língua Estrangeira (LE) se assemelham no fato de serem desenvolvidas por indivíduos que já possuem habilidades lingüísticas de fala, isto é, por alguém que possui outros pressupostos cognitivos e de organização do pensamento que aqueles usados para a aquisição da L1. Uma diferenciação entre essas duas formas de aquisição de língua não-materna baseia-se fundamentalmente no já citado papel ou função da SL na cultura do falante.

Do contrário, no processo de aprendizado de uma LE não se estabelece um contato tão grande ou tão intenso com a mesma. A grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração, enquanto a SL desempenha um papel até mesmo vital numa sociedade: “Im Gegensatz zur Fremdsprache ist eine Zweitsprache unmittelbar kommunikativ relevant und spielt bei der Erlangung, Aufrechterhaltung oder Veränderung der Identität der Sprecher eine Rolle”.

Também ELLIS (1986 e 1994) defende o ponto de vista de que a diferenciação não deve estar em fatores psicolingüísticos, mas sim em sociolingüísticos. Segundo ele, o processo de aquisição de uma Segunda Língua ocorre quando “the language plays an institutional and social role in the community”, enquanto a de uma Língua Estrangeira „in settings where the language plays no major role in the community and is primarily learnt only in the classroom“. Numa segunda língua se possui uma maior competência e uma maior performance, pois o meio ou a situação exige isso do falante – o aprendiz de língua estrangeira dificilmente precisa chegar a esse nível de conhecimento.

Não existe, na verdade, uma “receita” para a diferenciação entre Primeira Língua, Segunda Língua e Língua Estrangeira. O status de uma língua também pode variar com o tempo, é necessário apenas estabelecer uma outra relação com ela. Se a criança citada antes, que aprendeu o inglês como SL na Inglaterra, muda para Portugal e a língua anglo-saxônica perde a importância na sua vida, a criança perde essa relação básica com ela e ela pode se tornar, com o passar do tempo, uma Língua Estrangeira – se não for completamente esquecida. Da mesma forma, até mesmo o alemão, que fora uma L1, pode sofrer esse fenômeno.

## 5- Conclusão

Como, portanto, a diferenciação não é absoluta, cada caso deve ser avaliado como um caso. Para essa comunicação, procuramos dar as definições para achar a



classificação mais apropriada para o alemão-padrão nas comunidades bilíngües do Sul. Para alguns pode parecer já bem claro, mas eu queria, apesar da possível clara distinção, entrar na discussão conceitual, para que a especulação pudesse ser clareada também à luz da teoria. Embora se possa querer argumentar que os alunos aprendem alemão para se integrarem melhor, para se comunicarem na colônia, temos que lembrar que o alemão-padrão oferecido nas escolas não representa uma forma de socialização, de integração ou de comunicação, já que o alemão-padrão não é garantia para a comunicação sem problemas no hunrückisch, tanto para entender quanto para se expressar. É um pouco como aprender o holandês para entender o alemão, ou como aprender o espanhol para se integrar na sociedade brasileira.

O termo Segunda Língua, raramente abordado, muitas vezes é visto de forma deturpada. O conceito não envolve a proximidade ou a semelhança lingüística entre os idiomas, mas sim os fatores vistos acima.

A partir da teoria podemos concluir, então, que o alemão-padrão ensinado nas escolas se trata, portanto, de uma Língua Estrangeira, e como tal deve ser encarada por alunos e professores.

## Notas

<sup>1</sup> PUPP SPINASSÉ, Karen. *Deutsch als Fremdsprache in Brasilien: Eine Studie über kontextabhängige unterschiedliche Lernersprachen und muttersprachliche Interferenzen*. Berlin, Peter Lang, 2005. O título em português seria “Alemão como língua estrangeira no Brasil: um estudo sobre diferentes interlínguas em diferentes contextos e as interferências da língua materna”.

<sup>2</sup> As entrevistas deveriam levantar informações sobre o perfil do aluno e sua atitude em relação à língua alemã e às aulas; os testes visavam averiguar seus conhecimentos lingüísticos orais e escritos (nas quatro habilidades) em Hochdeutsch (alemão-padrão), para que pudéssemos traçar as interlínguas dos diferentes contextos.

<sup>3</sup> Mais sobre o tema vide ZIEGLER, Arne. *Deutsche Sprache in Brasilien: Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brasilianer in Rio Grande do Sul*. Essen, Die blaue Eule, 1996; ALTENHOFEN, Cléo Wilson. *Hunrückisch in Rio Grande do Sul: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart, Steiner, 1996; TORNQUIST, Ingrid Margareda. „Das hon ich von meiner Mama“ - zu Sprache und ethischen Konzepten unter Deutschstämmigen in Rio Grande do Sul. Uppsala, Umeå, 1997; PUPP SPINASSÉ (2005).

<sup>4</sup> Vide SEYFERTH, Giralda. “A Identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica”. In: Mauch, Cláudia / Vasconcellos, Naira (Org.) *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas, Ed. ULBRA, 1994, p. 16.

<sup>5</sup> Vide PUPP SPINASSÉ, Karen. A “inclusão” e a “exclusão” lingüística na história da imigração alemã e as conseqüências para o aprendizado de DaF por bilíngües na atualidade. Anais do IX Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras. (no prelo)

<sup>6</sup> Vide NEUMANN, Gerson Roberto. A „Muttersprache“ (língua materna) na obra de Wilhelm Rotermund e Balduino Rambo e a construção de uma

*identidade cultural híbrida no Brasil*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2000. (Dissertação de Mestrado).

<sup>7</sup> Teutônia também fora colonizada ricamente por imigrantes oriundos da Westfália. Entretanto, eles representam um grupo mais isolado, que ocupou uma determinada área de Teutônia – que hoje é o município de Westfália. Nos atuais bairros de Teutônia se fala, predominantemente o hunsrückisch.

<sup>8</sup> Estima-se que haja cerca de 180 línguas indígenas (autóctones) e mais de 30 línguas de imigração (alóctones) no Brasil. Esse dado tão importante levou a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados Federais, juntamente com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e o IPOL (Instituto de Investigação de Políticas Lingüísticas), a idealizar um registro das línguas brasileiras, ainda em elaboração.

# Die Perzeption Brasiliens durch deutsche Reisende des 19. Jahrhunderts

## Maximilian Prinz Wied zu Neuwied und Johann Moritz Rugendas

Annelie Scheider

This article focuses the expeditions of Maximilian Prinz Wied zu Neuwied and Johann Moritz Rugendas to Brazil. It discusses initially basic aspects of perception from the early colonial period up to the 19th century. It will then analyze the pictorial characterization of Brazil by both travelers and the reception of their work in Europe.

**Keywords: Maximilian Prinz Wied zu Neuwied; Johann Moritz Rugendas; Brazil.**

### 1 Einleitung

Da es Anfang des 19. Jahrhundert noch keine anderen Medien gab, als durch Menschen überbrachte Botschaften, sind wir heute auf das angewiesen, was zeitgenössische Forscher und Abenteurer aufzeichneten und schrieben, um uns ein Bild von der damaligen Zeit zu machen. Gerade die Quellen aus dem Lateinamerika des 19. Jahrhunderts Zeit sind rar, weshalb die Bilder und Berichte von Maximilian Prinz Wied zu Neuwied und Johann Moritz Rugendas von unschätzbarem Wert sind. Nachdem Portugal und Brasilien 1815 zu einem vereinigten Königreich wurden, ermunterte die Anwesenheit des portugiesischen Königshauses in Rio de Janeiro viele europäischen Wissenschaftler und Gelehrte, Expeditionen vor Ort zu unternehmen um Geographie, Flora und Fauna zu untersuchen. Die Gemahlin des Prinzregenten Peter I, Leopoldina, liebte es an wissenschaftlichen Reisen teilzunehmen, weshalb das Königshaus die wissenschaftlichen Erforschungen durch deutsche und österreichischer Wissenschaftler und Künstler unterstützte. Im ersten Teil der vorliegenden Arbeit soll auf die grundsätzlichen Probleme bei der Wahrnehmung hingewiesen werden, sowie die Entwicklung der Perzeption aus der frühen Kolonialzeit bis ins 19. Jahrhundert beschrieben werden. Im zweiten Teil sollen die beiden Reisenden Maximilian Prinz Wied zu Neuwied und Johann Moritz Rugendas vorgestellt werden, die beide durch Brasilien reisten und mit unterschiedlichen Voraussetzungen, Interessen und Bedürfnissen das dort Gesehene in Bildern verarbeiteten. Im nächsten Teil soll auf die Methoden der Perzeption eingegangen werden und auf die Frage, wie ein Thema aufbereitet wurde, um Interesse in Europa hervorzurufen, bzw. dem europäischen Publikum zu gefallen.

### 2 Perzeption, Wahrnehmung und Repräsentation im 19. Jahrhundert

Was Susanne Burghartz in ihrem Aufsatz „Translating Seen into Scene?“ zur

---

*Studentin an der Universität zu Köln. Zur Zeit Gaststudentin der UFRGS.  
E-Mail: anneliescheider@yahoo.de*

Repräsentation und Wahrnehmung in der frühen Kolonialgeschichte Europas schildert, gilt weitgehend auch noch für das frühe 19. Jahrhundert. Häufig stehen hinter den Berichten und Bildern von Reisenden des 19. Jahrhunderts auf den amerikanischen Kontinent gezielte Projektionen und strategische Idealisierungen neben dem Bedürfnis das Gesehene den Daheimgebliebenen zu beschreiben. Die Analyse dieser Berichte und Bilder zeigt, wie vielschichtig, uneindeutig und oft auch widersprüchlich die Praxis der Begegnung zwischen Kulturen und deren Repräsentation in europäischen Bildern und Texten war. Die Reisenden schrieben ihre Berichte und gestalteten ihre Illustrationen für europäische Leser und in ihnen gemeinsam vertrauten Relevanzsystemen. Theoretisch hatten sie nur die Aufgabe, als exponierte Vertreter von Erfahrungen, die sie an den Rande der eigenen Kultur gebracht hatte, den Daheimgebliebenen glaubwürdig und verständlich zu berichten. Dementsprechend sind die Repräsentationen des amerikanischen Kontinents, die für und in Europa verfertigt worden sind, vielfach beeinflusst: Zum einen durch die persönlichen Umstände und Vorprägungen der Reisenden, die konkreten und subjektiven Erlebnisse in Übersee, durch die heterogenen Anforderungen, das neu Erfahrene für sich und für das erfahrungslose aber erwartungsvolle Publikum aufzubereiten, sowie dies interpretierend in Szene zu setzen und zu deuten. Somit sind von Anfang an die bildlichen und sprachlichen Inszenierungen in Europa von Stilisierungen und Stereotypen geprägt.<sup>1</sup> Während in der frühen Neuzeit Wahrnehmungs- und Darstellungsmodi überwiegend auf Staunen und märchenhafter Idealisierung beruhten, kommt im 19. Jahrhundert mit der Reise Humboldts nach Südamerika der wissenschaftliche Anspruch und das Bedürfnis nach Begründung der „Abenteuerreisen“ durch die Wissenschaft hinzu.<sup>2</sup>

### 3 Perzeption Brasiliens: Maximilian Prinz Wied zu Neuwied

Maximilian Alexander Philipp Graf Wied zu Neuwied wurde am 23. September 1782 im Schloß zu Neuwied am Rhein geboren. Nachdem das Haus 1784 in den Fürstenrang erhoben worden war, erfolgte die Namensänderung in Prinz zu Wied.<sup>3</sup> Seine Mutter war künstlerisch begabt, sie malte mit Vorliebe Miniaturen, wodurch Maximilian schon sehr früh mit der Kunst des Zeichnens in Berührung kam. Jedoch scheint die Erziehung vorwiegend in den Händen des Ingenieurleutnants Christian Friedrich Hoffmann gelegen zu haben, der selber naturkundlich und archäologisch interessiert war und somit die Interessen des jungen Prinzen entsprechend gefördert hat. Sehr wahrscheinlich hat Hoffmann auch durch seine Kontakte mit der Universität Göttingen das spätere Studium Maximilians an dieser Universität angeregt.<sup>4</sup> Im Hinblick auf die seit langem geplanten Forschungsreisen und um seine Kenntnisse systematisch abzurufen hat er sich an der Georgia-Augusta-Universität zu Göttingen immatrikuliert, wo er bis Ostern 1812 studierte. Dabei verfolgte er jedoch nie die Absicht, einen akademischen Abschluss zu erwerben. "Maximilian wurde, und zwar im wissenschaftlichen sowohl wie im ästhetischen Sinne, im Geist der Klassik erzogen, die der Wesensart seines Elternhauses durchaus gemäß war, und er blieb, was ein wesentlicher Zug seines Charakterbildes ist, dieser Geistesrichtung zeitlebens verbunden."<sup>5</sup> Wied war Autodidakt, der seine Kenntnisse aus fleißiger Lektüre sowie aus gewissenhaften Naturbeobachtungen, vor allem bei der Jagd, schöpfte. Seine erste Reise nach Brasilien unternahm Wied 1825. Von 1832-1834 unternahm Wied erneut eine Reise auf den amerikanischen Kontinent.

Auch hier katalogisierte er Flora und Fauna sowie die indigenen Gruppen, die ihm begegneten. Wied starb 1867 in Deutschland.<sup>6</sup>

Während seines Militärdienstes in der Armee König Wilhelms II traf Maximilian Wied zu Neuwed durch einen Zufall 1804 Alexander von Humboldt in Paris, der gerade von seiner großen Lateinamerikareise zurückgekehrt war. Was Humboldt für Spanisch-Amerika ist, das bedeutet Maximilian Prinz Wied zu Neuwed auf seine Weise für Brasilien. Während Humboldt nicht nach Brasilien hatte einreisen dürfen, nahm Wied dessen Anregung auf und erforschte die der Wissenschaft noch unbekannt Gebiete dieses Landes. Am 15.7.1825 erreichte sein Schiff den Hafen von Rio de Janeiro, wo er dann mit seiner Expedition ins Hinterland begann. Zunächst hatte er jedoch Kontakt zu Intellektuellen und Reisenden aus Europa gesucht, um sich mit ihnen auszutauschen. So traf er unter anderem den russischen Generalkonsul Georg Heinrich von Langsdorff, den Ornithologen Georg Wilhelm Freyreiss und den Botaniker Friedrich Sellow, mit denen er gemeinsam reisen wollte, was für Wied besonders sprachlich von großem Vorteil war. Bei der Festlegung seiner Reiseroute wählte er absichtlich weitgehend unerschlossene Gebiete um dort als erster Wissenschaftler forschen zu können. Dennoch entschloss er sich auf Anraten eines deutschen Mineralogen, besonders die küstennahen Gebiete Rio de Janeiros und Salvador zu erforschen, da sein besonderes Interesse der indigenen Bevölkerung und deren Gewohnheiten, Werkzeugen, der einheimischen Flora und Fauna und dem Landschaftsbild galt.<sup>7</sup> Der brasilianische Minister Silvério José Manoel de Araújo, Conde da Barca, half ihm bei seiner Reise von São Christovão nach Cabo Frio und weiter nach Vila de São Salvador dos Campos dos Goazatacaces (heute Campos), und zum Rio Paraíba, wo er das erste mal einer indigenen Ethnie, den Purís begegnete. Von dort reiste er gegen Norden durch Espiritu Santo, um dann die Regenzeit in der Stadt Barra de Jucú zu verbringen. Mitte Dezember begab sich Wied gemeinsam mit Freyreiss weiter zum Rio Doce um dann nach Bahia zu kommen und Ende Dezember am Rio Mucuri die anderen Begleiter wieder zu treffen. Zudem lebte in dem Gebiet das Volk der Patachó, weshalb Wied ca. Vier Wochen dort blieb. Die Expedition ging weiter nach Porto Seguro um dann über Villa de Belmonte nach Quartel dos Arcos zu kommen, dem Gebiet des Volkes der Botocuden. Im September kehrte Wied nach Belmonte zurück und reiste erneut nach Caravelas und Mucurí. Über Ilhéus reisten sie nun ins Landesinnere, wo sie die brasilianische Buschsavanne und die ihnen unbekannte Tierwelt studierten. Man erreichte das Tal des Rio Pardo und kam bis an die Grenze von Minas Gerais. Weiter in nordöstlicher Richtung nach Arrayal da Conquista (heute Victória da Conquista) kam es zur Begegnung mit der Ethnie der Camacán. Dort wurden sie von Soldaten verdächtigt, englische Spione zu sein. Die Expedition wurde festgenommen und nach Nazaré gebracht. Nach Aufklärung des Irrtums, was die Expedition viel Zeit gekostet hatte, ging es weiter nach Jaguapipe, von wo sie nach Salvador (Bahia), dem Ziel ihrer Reise, übersetzten.<sup>8</sup>

#### **4 Perzeption Brasiliens: Johann Moritz Rugendas**

Johann Moritz Rugendas, in Brasilien als João Maurício Rugendas bekannt, wurde 1802 in Augsburg als Sohn einer Künstlerfamilie geboren. Er sollte der letzte Sproß der Augsburger Künstlerdynastie sein und wurde zu einem der frühesten bzw. besten Porträtisten der Brasiliens, Flora und der Menschen Brasiliens. Seine Familie hatte sich eigentlich auf die Genres der Reiter- bzw. Pferde- und Kriegsdarstellungen

spezialisiert, während Johann Moritz einen anderen Weg einschlug. Mit 13 Jahren ging er nach München um dort Kunst zu studieren. Nach Ausbildung bei seinem Vater Johann Lorenz und Albrecht Adam in München, betritt Johann Moritz Rugendas bereits mit neunzehn Jahren 1821 im Rahmen der Expedition des deutschen Wissenschaftlers Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff zum ersten Mal den südamerikanischen Kontinent. Langsdorff hatte Rugendas engagiert um die Reise im Bilde festzuhalten. Die malerische Erschließung Brasiliens sollte dann der eigentliche Inhalt seines Lebenswerkes werden. 1824 reiste er durch Minas Gerais, wo viele Bilder entstanden, auf denen er die Sklaverei in Brasilien darstellte. Im selben Jahr kehrte er nach Deutschland zurück. Ein Jahr später traf er Alexander von Humboldt in Paris, der ihn dazu aufforderte seine Bücher zu illustrieren. Nach weiterer malerischer Ausbildung in Paris, Italien und Deutschland, ging er erneut nach Lateinamerika. Von 1831 bis 1833 lebte er in Mexiko, wo er sich auch politisch engagierte. Dann zog er nach Chile, wo er insgesamt 12 Jahre verbrachte und von wo aus er immer wieder durch Lateinamerika reiste.<sup>9</sup> Im Jahre 1834 veröffentlichte er sein Buch *Voyage pittoresque dans le Brésil* (Malerische Reise in Brasilien) in dem ca. 75% der Bilder die Rugendas jemals von und über Brasilien gemalt hatte veröffentlicht wurden. 1845 ging Rugendas erneut nach Rio de Janeiro, wo er Bilder von der Königsfamilie malte. Gerade seine glänzende Technik der Ölmalerei kommt in kleinen Formaten besonders zur Geltung und stellt ihn in die Reihe der Vorimpressionisten. Die Figurenkompositionen gewinnen durch skizzenhaft, malerische Behandlung ihre große Lebensnähe. Hier ist der Einfluss seines Parisaufenthaltes spürbar, wo er mit Gros, Vernet, David und mit Delacroix in Berührung kam. Alexander von Humboldt ließ ihm wiederholt seine Förderung und seinen freundschaftlichen Rat zuteil werden. Ihm erschienen die Werke von Rugendas als eine Art "physiognomische" Naturbetrachtung erschienen. 1846 kehrte er mit einer großen Zahl von Gemälden endgültig nach Deutschland zurück, wo er dann 1858 starb.<sup>10</sup> In einer Zeitspanne von zwanzig Jahren war Rugendas zu zwei unterschiedlichen Gelegenheiten in Brasilien. Zum einen als Illustrator der Forschungsreise des Barons von Langsdorff von März 1822 bis Mai 1825, und zum anderen dann erneut zwischen Juli 1845 und August 1846 in Rio de Janeiro, wo er das portugiesische Königshaus portraitierte und sich im Anschluss endgültig von Lateinamerika verabschiedete. Die Forschungsreise des Baron Langsdorffs startete 1822 in São Paulo. Auch Rugendas hatte wie Wied zu Anfang seiner Reise auf der Fazenda Mandioca viele Wissenschaftler kennengelernt, die ihn und seine Arbeiten sehr schätzten. In Rio schlossen sich Langsdorffs Expedition noch der deutsche Botaniker Ludwig Riedel und der russische Kartograf und Astronom Nestor Rubtsov an. Die Reise war vom Kampf mit den Naturgewalten, der Bedrohung durch gefährliche Krankheiten sowie diversen Auseinandersetzungen unter den Teilnehmern geprägt. Unstimmigkeiten zwischen Rugendas und Langsdorff führten schließlich dazu, dass Rugendas 1824 seinen Vertrag mit Langsdorff kündigte und sich auf eigene Entdeckungszüge machte. Dennoch waren die Reisenden von der Schönheit der Landschaft und der außergewöhnlichen Vielfalt der Tier- und Pflanzenwelt des Amazonasgebiets, Mato Grossos und Bahias fasziniert, die Rugendas in seinen Aquarellen und Ölgemälden festhielt.

In seinen Gemälden versuchte er nicht nur Landschaften, sondern auch das tägliche Leben und Arbeiten der brasilianischen Bevölkerung gebührend darzustellen. Somit entstanden auf seiner Reise eine Vielzahl von Bildern die Alltagssituationen und Traditionen verschiedener Regionen Brasiliens belegen.

Anhand der häufigen Verwendung älterer Vorlagen und des Wiedereinsatzes eigener Entwürfe oder besonders erfolgreicher Stücke läßt sich die Industrialisierung dieser Kunstzweige nachvollziehen.<sup>11</sup> Rugendas scheint es besonders wichtig gewesen zu sein, das Leben und die kulturellen Unterschiede darzustellen und seine subjektiven Eindrücke der ersten großen Reise weiterzugeben. Hierbei wurde er durchaus von Wissenschaftlern beurteilt, kritisiert und unterstützt. Nach diesem seinem ersten Aufenthalt in Brasilien, der in seinem gewichtigen Werk *Voyage pittoresque dans le Brésil* festgehalten ist, reiste er noch einige Male auch für längere Zeit nach Lateinamerika.<sup>12</sup>

## 5 Absichten und Wirkung der Bilder

Für Wied stand immer die Wissenschaft im Vordergrund seiner Reisen und Zeichnungen. Er wollte katalogisieren und zeichnen, was er sah, um es zum einen für die Nachwelt festzuhalten und aber auch um weitere Forschungen und Erkenntnisse über die Natur zu ermöglichen. Deshalb bemühte er sich möglichst naturgetreu und minutiös zu zeichnen und insbesondere das festzuhalten, was ihm als fremd und ungewohnt erschien. Viele der Tiere und Pflanzen, der indigenen Gruppen und deren Gewohnheiten, die Wied beschrieb und zeichnete, sind heute ausgestorben. Deshalb haben sie heute zusätzlich noch eine historische Bedeutung erhalten. Zudem haben viele seiner Bilder keinerlei Unterhaltungscharakter, da sie lediglich die Seiten eines Katalogs von Gebrauchsgegenständen indigener Gruppen darstellen. Wenngleich Wied in erster Linie Zoologe war, besaß er von Anfang an ausgeprägtes Interesse für die amerikanischen Ureinwohner. Interessant ist dennoch, dass Wied auch in seiner Katalogisierung und Darstellung der indigenen Bevölkerung gewisse Klischees bediente. So sind eigentlich alle Indigenen nackt oder nur mit Lendenschurz bekleidet, leben in der freien Natur und scheinen mehr oder weniger nur vor sich hinzuleben, auf seinen Bildern gehen sie selten einer anderen Beschäftigung nach, als in ihrer Familie zusammensitzen. Den Grad ihrer Nacktheit könnte man als Definitionsmerkmal von Wildheit auf einer imaginären Skala der Zivilisiertheit verorten.<sup>13</sup> Interessant ist jedoch, dass er nicht den Indigenen als DEN Stereotypen zeichnete, sondern zwischen verschiedenen Ethnien unterschied und ihnen verschiedene Attribute zuwies. Beispielsweise haben in seinen Bildern die Puris



immer kurze Haare, während die Camacãs langes Haar tragen. Wied beschreibt sie als mäßig groß, breitschultrig und mit markantem Gesicht. Die Botocudos



tragen auffälligen Pircingschmuck, was bei dem europäischen Betrachter seiner Zeit zunächst Ablehnung erzeugt. Die zugehörigen Berichte beschreiben sie jedoch als friedlich und freundlich. „Den Namen Botokudos haben sie von den großen Holzpflocken, womit sie Ohren und Unterlippe verunstalten,- denn Botoque bedeutet im Portugiesischen ein Faßspund. Sie selbst nennen sich Engeräckmung, und hören es sehr ungern, wenn man sie Botokudos nennt.[...] Die Natur hat ihnen einen guten Körperbau gegeben.“<sup>14</sup> Somit wandte Wied als einer der Ersten die vergleichende Ethnologie an und überließ dadurch seiner Nachwelt wichtige Daten über die Ureinwohner Brasiliens.<sup>15</sup>

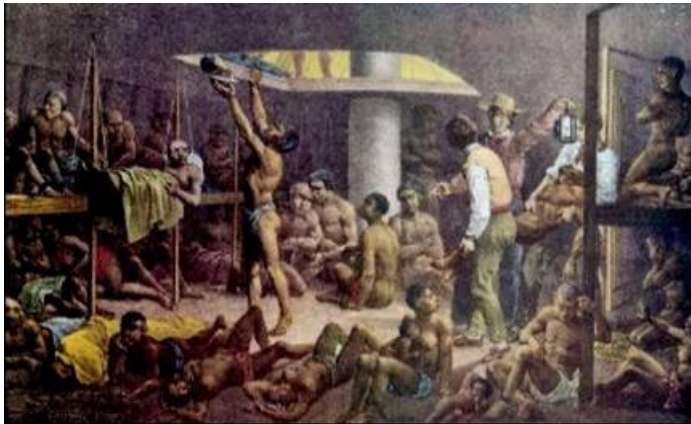
Rugendas' Motivation zu malen und zu Reisen war eine andere als die Wieds. Er war Künstler, für den in erster Linie die Schönheit seiner Bilder von Wichtigkeit war. Durch seine Begeisterung für das Land scheint er zunächst das Brasilienbild durch seine Bilder zu harmonisieren und die Gewalt der Sklaverei zu verharmlosen. Bewusst malte er das, was die Europäer gerne sehen würden, wobei er den utopisch harmonischen Gesellschaftsentwurf einer brasilianischen Kolonie, den er durch seine Bilder auf den ersten Blick erzeugte, durch die kleinen Hinweise auf die Realität zu enttarnen versuchte.

Interessant ist, dass er den Sklaven in seinem Buch von 1835 ein eigenes Kapitel gewidmet hat, in dem er ihre Gewohnheiten und Bräuche beschreibt. Auffällig ist hierbei, dass es für ihn eine klare Trennlinie zwischen Weißen und Sklaven gibt, die er in seinem Buch durch ein Extrakapitel unterstreicht. Gerade die Bilder, auf denen Rugendas Sklaven darstellte, und die somit dem gesellschaftlichen Druck der Zeit unterlagen, stellen die Realität deutlich dar. Aktive Gewalt an Sklaven wird selten so offen dargestellt, wie in seinem Bild *Castigos domésticos*





auf dem ein Sklavenhalter eine Sklavin offen mit einer Peitsche verprügelt. Zwar befindet sich die Szene im Bildmittelpunkt, dennoch fällt sie nicht sofort ins Auge, da sich die Beteiligten weder durch Größe noch durch andere Auffälligkeiten von den anderen abgebildeten Menschen unterscheiden. Was jedoch auffällt ist die strikte Trennung der Sklaven von den Weißen, während die Weißen sich in der rechten Bildhälfte in der Nähe des Hauses aufhalten, befinden sich die Sklaven in der linken Bildhälfte unter einem Baum und mit Werkzeugen, die mögliche Feldarbeit andeuten. Rugendas Bild *Navio Negroiro*,



das durch die Antisklavereibewegung „Society for the Abolition of the Slave Trade“, die 1817 gegründet worden war, berühmt geworden ist, zeigt den Schiffsbauch eines Sklavenschiffes von innen, das Sklaven vom afrikanischen auf den amerikanischen

Kontinent bringt. Für den Betrachter aus heutiger Sicht wirkt das Bild sehr bedrückend und unwürdig. Möglicherweise waren die Blicke der zeitgenössischen Betrachter jedoch auf andere Dinge geschärft, wodurch das Bild keine negative Konnotation erthielt. Das Bild *Carregadores de Água*



stellt Sklaven dar, die Wasser holen. Auf den ersten Blick passt das Bild zu den typisch romantischen Bildern der Epoche. Bei genauerer Betrachtung fällt auf, dass der Schein der romantischen Stimmung des Bildes trügt: In der Mitte des Bildes sind zwei junge Menschen abgebildet, die miteinander kämpfen. Sie zerstören die eigentlich idyllische Stimmung. Über die Entstehung dieses Bildes ist bekannt, dass Rugendas es mehrfach überarbeitete und die anfangs am Bildrand kämpfenden Männer später in die Mitte setzte.<sup>16</sup> Das Bild *Desembarque*



stellt die Ankunft afrikanischer Sklaven dar, die von weißen Sklavenhändlern bereits erwartet werden. Während die Weißen edel gekleidet sind, tragen die Ankömmlinge außer Hosen keine weiteren Kleidungsstücke. Die Sklavenhändler stehen auf dem Steg, viel höher als die Schwarzen, was ebenfalls den Stand in der Gesellschaft widerspiegelt und während die Sklaven den Händlern zugewandt sind, interessieren dich diese eher für die Unterlagen, die sie bei sich halten, vermutlich um die Bestandslisten zu kontrollieren und zu errechnen, ob die Fracht der Bestellung entspricht.<sup>17</sup> Somit zeigen Rugendas' Bilder deutlich die Rassentrennung und Unterdrückung der Schwarzen in Brasilien. Möglicherweise war das ein Grund für Humboldt, mit ihm zu sympathisieren, da auch Humboldt sich gegen die Sklaverei aussprach.

## 6 Rezeption in Europa

Wieds Werk war damals eine Sensation und es gilt noch heute als Standardwerk für Zoologie und Völkerkunde sowie als Quelle zur Geschichte und Kultur Brasiliens. Er hatte die Gelegenheit Völkerschaften in ihrer authentischen Umwelt zu besuchen, deren Kultur bereits ein Jahrzehnt danach unwiederbringlich verloren ging. Seine erste Veröffentlichung erschien 1817 in der Zeitschrift "Isis" als Kurzbericht über die Brasilienreise. Über dreißig Aufsätze in verschiedenen Fachzeitschriften sollten folgen. Anders als die verstreuten Einzelbeiträge erregten die Bände über die Brasilienreise Aufmerksamkeit über den engen Fachkreis hinaus.<sup>18</sup> Auch Rugendas wurde noch zu seinen Lebzeiten berühmt. Nicht nur durch seine guten Kontakte zu Humboldt, der seine Arbeiten immer wieder lobte und ihm Aufträge erteilte, erhielt er gesellschaftlich viel Anerkennung. Das Buch *Voyage pittoresque dans le Brésil* was Rugendas 1835 mit ca. 100 seiner Bilder verlegte, wurde sogleich auch auf deutsch mit dem Titel *Malerische Reise in Brasilien* herausgegeben.

## 7 Fazit

Sicherlich sind weder Wieds und Rugendas' Berichte und Illustrationen objektiv. Doch kann man auch in der heutigen Zeit nicht davon ausgehen, dass Medien objektiv übermitteln, was auf der anderen Seite der Welt passiert. Wieds eher wissenschaftliche Perzeption führt dazu, dass seine Werke auf ganz andere Art und Weise betrachtet werden müssen als die des Künstlers Rugendas. Obwohl Rugendas ebenfalls bemüht war, minutiös alle Einzelheiten zu erfassen und das Alltagsleben in Brasilien so authentisch wie möglich darzustellen, ist es dennoch unverkennbar, dass er ein Künstler ist und auch den stilistischen Vorgaben der romantischen Epoche gerecht werden muss. Dennoch ist ein verdecktes, aber deutlich spürbares politisches Interesse Rugendas in seinen Bildern bemerkbar, in denen er die Sklaverei darstellt und kritisiert. Im Gegensatz zu den stark vom Abenteuergeist verfälschten und durch taktische Manipulationen verformten Berichte von Reisenden aus dem 16. Jahrhundert können sowohl die Bilder und Berichte Wieds als auch Rugendas Rückschlüsse auf die Situation am Anfang des 19. Jahrhunderts in Brasilien zulassen. Auch sie mussten sich den historischen Rahmenbedingungen anpassen, weshalb ihnen die Expeditionen durch die Präsenz des portugiesischen Königshauses auf dem amerikanischen Kontinent erleichtert worden waren, da mit dem Königshaus auch viele Gelehrte und Wissenschaftler die Wege ebneten. Anders

als noch zu Zeiten Humboldts, dem die Einreise nach Brasilien verwehrt geblieben war, hatte sich das Land nun für die Wissenschaft geöffnet.

## Anmerkungen

- <sup>1</sup> Burghartz, Susanna: „Translating Seen into Scene?“, in: Susanna Burghartz u.a. (eds.): *Berichten, Erzählung, Beherrschen. Wahrnehmung und Repräsentation in der frühen Kolonialgeschichte Europas*. Frankfurt am Main, 2003, S. 161-175.
- <sup>2</sup> Gerbi, Antonello. *La Disputa del nuovo mondo, Storia di una polemica*. Mailand, 1955, S.453-454.
- <sup>3</sup> Roth, Hermann Josef. *Prinz Maximilian zu Wied-Leben und Werk*. Montabaur, 1995, S.12.
- <sup>4</sup> Joost, Wolfgang. Vorwort zu: Wied- Neuwied, Maximilian. *Reise nach Brasilien*. Leipzig, 1987, S.8-9.
- <sup>5</sup> Röder, Josef, und Timborn, Hermann. *Maximilian Prinz zu Wied, Unveröffentlichte Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens*. Bonn 1954, S.15.
- <sup>6</sup> Joost, Wolfgang, 1987, S.8-9.
- <sup>7</sup> Roth, Hermann Josef, 1995, S.13.
- <sup>8</sup> Roth, Hermann Josef, 1995, S. 15-17.
- <sup>9</sup> <http://www.nascente.com.br/rugendas/centro.html>, abgerufen am 3.9.2004.
- <sup>10</sup> <http://www.nascente.com.br/rugendas/centro.html>, abgerufen am 3.9.2004.
- <sup>11</sup> [http://www.uni-augsburg.de/institute/iek/iek/mitt\\_4/buchmarkt.htm](http://www.uni-augsburg.de/institute/iek/iek/mitt_4/buchmarkt.htm), abgerufen am 4.9.2004.
- <sup>12</sup> Diener-Ojeda, Pablo. *Rugendas: 1802-1858*. Augsburg, 1997, S.76-83.
- <sup>13</sup> Burghartz, Susanna. *Alt, neu oder jung? Zur Neuheit der ‚Neuen Welt‘*, in: *Die Wahrnehmung des Neuen in Antike und Renaissance*. Hg. von Achatz von Müller und Jürgen von Ungern-Sternberg, Leipzig (Colloquia Augusta Raurica 8), 2004.
- <sup>14</sup> Scurla, Herbert (Hrsg.). *Beiderseits des Amazonas. Reisen deutscher Forscher des 19. Jahrhunderts durch Südamerika*. Berlin 1971, S.178.
- <sup>15</sup> vgl. Burghartz, Susanna.
- <sup>16</sup> Diener-Ojeda, 1997, S.79-81.
- <sup>17</sup> Diener-Ojeda, 1997, S. 81.
- <sup>18</sup> Wied-Neuwied, 1987, S.8-20.